

Tarcilane Fernandes da Silva
Maria das Dores Ozório de Sousa
Tharlisson Costa Sousa
Marlyane Araujo Carreiro
Filip Moura Sousa
(Organização)



SEMANA NACIONAL
DO CURSO DE LETRAS

MÚTIPILOS OLHARES EM LITERATURA,
LÍNGUA E LINGUAGEM.

Caderno de Resumos **2023**



UESPI

Tarcilane Fernandes da Silva
Maria das Dores Ozório de Sousa
Tharlisson Costa Sousa
Marlyane Araujo Carreiro
Filip Moura Sousa
(Organização)



Caderno de Resumos



UESPI
2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu
Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires
Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo
Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles **Governador do Estado**
Themístocles de Sampaio Pereira Filho **Vice-Governador do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Administração Superior

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil **Pró-Reitora de Ensino de Graduação**
Josiane Silva Araújo **Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação**
Rauirys Alencar de Oliveira **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**
Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires **Pró-Reitora de Administração**
Rosineide Candeia de Araújo **Pró-Reitora Adj. de Administração**
Lucídio Beserra Primo **Pró-Reitor de Planejamento e Finanças**
Joseane de Carvalho Leão **Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças**
Ivoneide Pereira de Alencar **Pró-Reitora de Extensão, Assuntos
Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**

Autores **Revisão**

Organizadores **Diagramação / Revisão**

Editora e Gráfica UESPI **E-book**

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/201>

| |
|--|
| <p>S471 Semana Nacional de Letras. Semana Nacional de Letras: múltiplos olhares em literatura, língua e linguagem / Organizador por: Tarcilane Fernandes da Silva, Maria das Dores Ozório de Sousa, Tharlisson Costa Sousa, Filip Moura Sousa, Marlyane Araujo Carreiro. – Teresina: FUESPI, 2024. 76 p.</p> <p>ISBN Digital: 978-65-89616-77-1 Cadernos de Resumos [da] Semana Nacional de Letras.</p> <p>1. Linguística. 2. Literatura. 3. Pesquisa Aplicada. II. Tarcilane Fernandes da Silva et al. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 410</p> |
|--|

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
José Edimar Lopes de Sousa Júnior – Bibliotecário CRB3/ 1512

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI
Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados

SUMÁRIO

| | |
|---|----------|
| LINGUÍSTICA, LETRAS E EDUCAÇÃO | 4 |
| CONCORDÂNCIA DOS VERBOS TER E HAVER: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA | 4 |
| A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA DO LD “SE LIGA NAS LINGUAGENS” | 7 |
| LEITURA E PRODUÇÃO CRIATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL: TECENDO A ESCRITA ATRAVÉS DA LUDICIDADE | 10 |
| EFEITOS DO TOM DE PELE? UM OLHAR DISCURSIVO MATERIALISTA | 13 |
| DO LUGAR SOCIAL AO LUGAR DISCURSIVO: ANÁLISE DE UM CORPUS | 16 |
| LETRAMENTOS VISUAL E LITERÁRIO CRÍTICOS: INTERAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE A OBRA ORGULHO E PRECONCEITO NA PLATAFORMA <i>SKOOB</i> | 19 |
| O ENSINO DE FLEXÃO E DERIVAÇÃO NA ABORDAGEM DA METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM LINGUÍSTICA ATIVA | 22 |
| TRADIÇÃO E RUPTURA: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO FEMINISTA NAS TIRINHAS DE MAFALDA..... | 25 |
| A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA DO ALUNO DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA | 28 |
| POETRY SLAM: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA POESIA PELA METÁFORA E A IDEOLOGIA..... | 31 |
| AUTORIA E DISCURSO AUTORITÁRIO: ANÁLISE DE PRÁTICAS DISCURSIVAS ESCOLARES..... | 34 |
| EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E ESTUDO TOPONÍMICO DO MANUSCRITO "DIÁRIO DA VIAGEM QUE FEZ À COLÔNIA DE SURINAME: UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DE RORAIMA..... | 37 |
| GÊNERO TIRINHA: FORMAÇÕES E FORMULAÇÕES DE SENTIDO EM UM LIVRO DIDÁTICO | 42 |
| MULTIMODALIDADE EM PEANUTS, DE CHARLES M. SCHULZ..... | 45 |
| A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA DO LD “NOVAS PALAVRAS” | 48 |
| O ESTÁGIO DOCÊNCIA NO CURSO DE LETRAS: A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UMA PROFESSORA (SEMPRE) INACABADA..... | 51 |

| | |
|--|-----------|
| DISCURSOS SOBRE A AUTORIA NAS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL | 54 |
| LITERATURA, LETRAS E EDUCAÇÃO..... | 57 |
| REINVENTANDO A VIDA: A LOUCURA COMO SÍMBOLO DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA EM DUZU-QUERENÇA (2014) | 57 |
| O ROMANCE DE FORMAÇÃO CONTEMPORÂNEO: ANÁLISE DE <i>O LUGAR MAIS SOMBRIO</i> | 60 |
| AS PERSONAGENS NEGRAS SUSANA, EM <i>ÚRSULA</i> , DE MARIA FIRMINA DOS REIS, E MUANA, EM <i>O CRIME DO CAIS DE VALONGO</i> , DE ELIANE ALVES CRUZ | 63 |
| ERA UMA VEZ... UMA HISTÓRIA PREMIADA: NARRATIVAS ENTRE PALAVRAS E IMAGENS PARA O LEITOR INFANTIL..... | 65 |
| MIMESIS E NARRATIVA NA LITERATURA E NO CINEMA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A INFLUÊNCIA DO REGIONALISMO LITERÁRIO EM PRODUÇÕES DO CINEMA CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO, NA TRILOGIA FÍLMICA DE FREDERICO MACHADO: <i>LAMPARINA DA AURORA</i> (2017), <i>REVIVER</i> (2018) E <i>BOI DE LÁGRIMAS</i> (2019)..... | 68 |
| LITERATURA EXPRESSIVA: UMA ANÁLISE DO CONTO <i>A TROCA E A TAREFA</i> DE LYGIA BOJUNGA | 71 |
| A POESIA AFRODESCENDENTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: UMA ESTRATÉGIA ANTIRRACISTA NA ESCOLA | 74 |

LINGUÍSTICA, LETRAS E EDUCAÇÃO

CONCORDÂNCIA DOS VERBOS TER E HAVER: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA

Igor Andrade Barbosa¹
Mauriceia Silva de Paula Vieira²

Ao buscar análises de estratégias recorrentes de uso dos verbos impessoais encontradas no discurso, observou-se que há uma enfadonha pesquisa linguística de classificação sintática do SN-argumento posposto que, de acordo com cada hipótese, se comporta ora como sujeito gramatical, ora como objeto do verbo. Para a Gramática Normativa (GT) os argumentos desses verbos marcam sintaticamente a função de objeto do verbo, já que a posição sintática de sujeito é classificada como inexistente. Junto a isso, usuários da língua encontram obstáculos em relação à sintaxe dos verbos existenciais devido às incertezas sobre as fronteiras gramaticais entre esses verbos, especialmente em relação à concordância verbal (CV) quando são seguidos por um sintagma nominal (SN) no plural (SOUZA, 2009, p. 6). As incertezas analisadas neste trabalho dizem respeito à variação linguística e aos postulados cristalizados das prescrições da GT. Assim, para entender o fenômeno linguístico, é preciso abandonar a ideia restrita de que conhecer uma língua se resume apenas em dominar suas regras gramaticais.

Levando isso em consideração, este trabalho investiga a CV em sentenças construídas com verbos tradicionalmente denominados impessoais a partir de princípios funcionalistas. Objetivou-se averiguar se a relação icônica de proximidade é capaz de explicar a repudiada – pela GT – concordância entre verbo e SN-argumento no plural posposto em construções existenciais com os verbos *ter* e *haver* em suas formas impessoais.

Respaldamo-nos no quadro teórico funcionalista que leva em consideração a estrutura da língua, que só pode ser plenamente compreendida em associação com os princípios que regem a interação verbal, pois entende-se que o sistema linguístico é estruturado e reestruturado pelo uso que os falantes fazem das expressões linguísticas em condições reais de produção da linguagem. A CV é um princípio gramatical que estabelece a relação de concordância entre o verbo e o sujeito em uma frase. Camacho (1993, p. 4) assevera que “a concordância verbal no português brasileiro inclui-se no conjunto dos fenômenos gramaticais sujeitos à variação”. Os

¹ Graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras. barbosa.igorandrade@gmail.com

² Professora orientadora. Dra em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Lavras. mauriceia@ufla.br

estudos de Givón (1976 e 1990), Decat (1983) e Furtado da Cunha e Bispo (2013) subsidiam a hipótese de que a CV pode ser explicada a partir de princípios funcionalistas relacionados à proximidade entre espaço cognitivo e espaço morfossintático. A essa contiguidade estrutural entre os constituintes de um sintagma que reflete a estreita relação entre os signos no nível conceitual, dá-se o nome de proximidade icônica. A partir de uma abordagem metodológica de base qualitativo-quantitativa, averiguamos se o princípio da proximidade seria capaz de explicar a presença ou falta de concordância em orações com os verbos *ter* e *haver* com SN-argumento posposto a partir de dados retirados do Corpus D&G que apresenta cerca de 2.500 textos falados e escritos.

Os resultados indicam que há baixa frequência de CV, impossibilitando afirmar que a proximidade icônica entre as duas categorias auxilia no processo de concordância. Identificamos um total de 52 sentenças existenciais durante nossa análise. Essas sentenças foram classificadas em dois grupos: o primeiro incluiu sentenças em que o verbo não concorda com o SN-argumento, mesmo quando este apresentava marcação morfológica de plural; o segundo, por outro lado, continha sentenças em que havia concordância entre o verbo e o SN-argumento nas mesmas condições. Dentro do primeiro grupo, encontramos 38 sentenças. Exemplos dessas construções incluem frases como "tinha muitas mulheres no ônibus" e "na rua tinha casas de várias formas". No segundo grupo, observamos 14 sentenças em que o verbo se flexionava de acordo com o número do SN-argumento. Exemplos dessas construções incluem frases como "lá também tinham os jovens de Canguaretama" e "tinham duas velhas que tavam com a bolsa".

Concluimos que os falantes tendem a não concordar o verbo com o SN-argumento posposto, confirmando a hipótese de Decat (1983) na qual é defendido que a falta de concordância nessas estruturas ocorre pois são desprovidas de tópico; e a hipótese de Bagno (2007) na qual é indicado que a falta de CV com argumento posposto é um caso exemplar de mudança linguística irreversível. Para a explicação da, mesmo que baixa, ocorrência de concordância entre verbo e SN-argumento, recorreremos à hipótese sociolinguista da hipercorreção devido à semelhança da estrutura argumental que os verbos analisados apresentam com o verbo *existir* que tradicionalmente concorda morfológicamente com seu argumento.

PALAVRAS-CHAVE: Iconicidade. Sentenças existenciais. Verbos impessoais.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. **ALFA: Revista de Linguística**. São Paulo, v. 37, p. 101-116, 1993.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Concordância Verbal, topicalização e posposição de sujeito. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*. Belo Horizonte, Departamento de Linguística e Teoria da Literatura, FALE-UFMG, n. 9, p. 9-48, 1983.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edivaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**. Natal, v. 15, p. 49-74, 2013.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: a functional-typological introduction. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, Talmy. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI, C. N. (Org.). **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976, p. 151-188.

SOUZA, Mario Cesar da Silva. **A sintaxe dos predicados existenciais no português brasileiro atual**. 2009. 67 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA DO LD “SE LIGA NAS LINGUAGENS”

Maria Estéfane Aniceto da Silva¹
Yasmin Julião de Oliveira²
Laurênia Souto Sales³

Na etapa final da Educação Básica –Ensino Médio – espera-se que o aluno já tenha adquirido conhecimentos necessários para se tornar produtor proficiente de textos. A fim de aprimorar esses conhecimentos, torna-se essencial que o professor exerça o papel de mediador nessa atividade. Isso implica em orientar os alunos sobre as características de cada gênero, bem como sobre os processos de produção e reescritura textual.

Levando em consideração que o livro didático (LD) é utilizado como um instrumento do qual o professor lança mão para subsidiar suas aulas, este trabalho direciona seu olhar sobre o LD com o objetivo de investigar as propostas de produção textual – orais e escritas – presentes na coleção “Se Liga nas Linguagens”, de autoria de Ormundo e Siniscalchi (2020).

Para fundamentar a pesquisa, contribuíram os estudos de Bakhtin (1997) e Marcuschi (2002) sobre os gêneros discursivos; Rodrigues (2007), Bunzen e Mendonça (2006) e outros, sobre o LD; as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que regulamenta o ensino da língua portuguesa, e outros documentos educacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Brasil, 2000), as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Brasil, 2006), a Proposta Curricular do Estado da Paraíba para o Ensino Médio (Paraíba, 2018) e o Plano Nacional do Livro Didático (Brasil, 2021).

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva, baseada em análise documental. Inicialmente foi realizada a catalogação dos gêneros textuais presentes *corpus* em questão (coleção “Se Liga nas Linguagens”), posteriormente, foi feita a análise das atividades de produção textual. Na catalogação, verificou-se uma variedade de atividades que contemplam a produção textual oral e escrita, e também de gêneros digitais.

No que concerne à estrutura, a coleção é constituída por um volume único que contempla os conteúdos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Ademais, está cada volume dividida-se em duas partes: *Literatura* e *Análise/Semiótica*. A coleção é composta por 32 capítulos,

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: silvaestefane615@gmail.com.

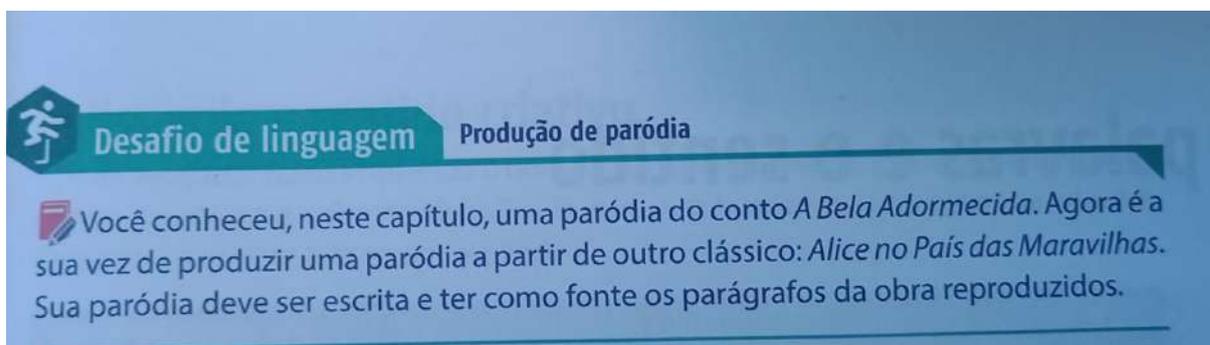
² Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela UFPB. E-mail: yasjuliao@gmail.com.

³ Professora Doutora do Departamento de Letras da UFPB. E-mail: laureniasouto@gmail.com.

sendo 15 voltados para a área de Literatura e 17 para Análise Linguística/Semiótica.

A seguir, pode-se observar a proposta de produção textual do gênero paródia:

Figura 1 – Atividade: Produção do gênero paródia



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020, p. 187).

Essa atividade está localizada no capítulo 18, que faz parte da área de Análise Linguística/Semiótica, e solicita a produção do gênero paródia a partir de alguns parágrafos da obra *Alice no País das Maravilhas*. Conforme os autores, para realizar a atividade, o aluno pode tomar como modelo uma paródia apresentada nesse mesmo capítulo.

Definida por Simões (2017, p. 7) como “um gênero textual que possui em sua essência o processo de intertextualidade”, a paródia foi estudada ao longo do capítulo, portanto, o aluno tem como subsídios para produção tanto o modelo anterior de paródia como o estudo de suas características.

Como sugestão, entende-se que os autores poderiam ter sugerido a apresentação dessas paródias em algum evento escolar ou a troca das paródias entre os colegas com o intuito de promover a interação, desse modo, inclusive, os textos dos alunos não se limitariam à produção.

Essas e outras sugestões podem ser implementadas em sala de aula pelo professor, daí a importância de, no planejamento das aulas, quando necessário, ele ampliar ou adaptar as atividades propostas no LD com o intuito de promover o desenvolvimento da proficiência dos alunos em relação à produção textual.

PALAVRAS-CHAVES: Produção Textual. Ensino Médio. Livro didático.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. (BNCC). Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro Didático**. Brasília, 2021.
- BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.;
- PARAÍBA. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**, 2018. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/arquivos/pdfs/PropostaCurriculardoEnsinoMdiodaParabaPCEMPB23.pdf>. Acesso em: 09 maio 2023.
- RODRIGUES, Paulo Cezar. **Características do Livro Didático de Língua Portuguesa na Mediação da Produção Textual Escrita**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Maringá, Maringá, 2007. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4071> Acesso em: 19 maio 2023.
- SIMÕES, Alan Caldas. **O Gênero Paródia em Aulas de Língua Portuguesa: uma abordagem criativa entre letra e música**. **Anais do SIELP**, Uberlândia, vol. 2. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_006.pdf. Acesso em: 19 maio 2023.

LEITURA E PRODUÇÃO CRIATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL: TECENDO A ESCRITA ATRAVÉS DA LUDICIDADE

Fernanda Sousa de Oliveira⁶

Gabriele Santos Lisboa⁷

Emerson Cardoso Siqueira³

Profa. Ma. Dryelle Patricia Silva e Silva⁴

A criança quando realiza a leitura e a escrita de maneira crítica ela se posiciona socialmente e consegue realizar inferências que possam promover a reflexão e a transformação social. Podemos dizer que, as ações iniciais da escrita do ser humano parte da sua vivência, socialização e compreensão dos códigos culturais que começam a ser representadas nas suas garatujas. Assim, podemos destacar nas palavras de Freire (1989, p.11) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]”, considerando que toda criança sabe falar da sua realidade social e representar os símbolos culturais que os rodeiam. Acreditamos em uma prática baseada na criatividade e ludicidade, articulando com as estratégias de leitura e escrita.

Dessa maneira, desenvolvemos como ação extensionista a produção criativa de textos e a prática da leitura de maneira compreensiva pelo Programa de Ações Extensionistas da UESPI (PIBEU). Assim, temos como objetivo geral: desenvolver práticas de leitura e escrita com crianças que estão cursando o 5º ano do Ensino Fundamental. E como objetivos específicos: elaborar vivências lúdicas e fazer o compartilhamento delas com as crianças que estão no 5º ano do Ensino Fundamental; organizar recursos, jogos e brincadeiras que despertem o interesse das crianças pela leitura e escrita; estimular a escrita de textos criativos e autorais; e publicar as produções criativas dos alunos. Neste sentido, objetivamos desenvolver práticas de leitura e escrita, elaborando vivências lúdicas; organizando recursos, jogos direcionados para as dificuldades de algumas crianças que estão no 5º do Ensino Fundamental e estimular a leitura e escrita dos alunos com base em ações que primam pela criatividade, imaginação e brincadeiras, pois na visão de Santos (2006, p.111) “brincar é viver” e no Ensino Fundamental a ideia do brincar e das práticas lúdicas são esquecidas para possibilitar a mecanização e o conteudismo.

⁶Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Campus Dom José Vásquez Díaz. E-mail: fernandaoliveira@aluno.uespi.br.

⁷Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Campus Dom José Vásquez Díaz. E-mail: gabrielelisboa@aluno.uespi.br.

³Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Campus Dom José Vásquez Díaz. E-mail: emersonsiqueira@aluno.uespi.br.

⁴Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí, Ma. em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão e professora efetiva da Universidade Estadual do Piauí. dryellepatricia@bjs.uespi.br

Como base teórica utilizamos: FREIRE (1989), ANTUNES (2003), ALBUQUERQUE (2007), BARBOSA; SOUZA (2006), LEAL (2006), SMITH (1989) e outros que desenvolvem o contexto do brincar, jogos e ludicidade, como: SANTOS (2006), KISHIMOTO (1993) e outros. Nos posicionamos, a escutar as crianças, a observar as suas dificuldades, dialogar com as suas professoras e assim desenvolver de maneira coletiva as nossas ações. Enfatizamos que, as narrações dos atores sociais (alunos do 5º ano e dos professores) serão evidenciados e considerados no decorrer da nossa atividade extensiva.

Metodologicamente, realizamos as concepções narrativas, pontuando as ideias de CLANDININ e CONNELLY (2011), obtendo como dispositivo de ação as rodas de conversa e focaremos em práticas coletivas que possam promover a colaboração no enfrentamento da problemática que foi percebida pelos alunos de Pedagogia da UESPI de Bom Jesus que estagiaram em algumas escolas de Ensino Fundamental e presenciaram o desânimo e a dificuldade da maioria das crianças do 5º ano diante da leitura e escrita. A nossa proposta está em andamento, sendo executada nos espaços do Campus Dom José Vásquez Díaz (UESPI) e em uma escola da rede municipal de Bom Jesus/ PI, sendo uma ação avaliada de maneira contínua verificando a satisfação dos professores e das crianças do 5º ano que estão participando da proposta. Assim, diante dos resultados parciais da nossa ação percebemos que as crianças estavam desestimuladas pelo excesso de conteúdos repassados na rotina e realizavam as atividades de maneira mecânica, dessa maneira as práticas lúdicas de leitura e escrita tornaram-se um momento prazeroso para os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Fundamental. Ludicidade. Produção criativa.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de, Conceituando alfabetização e letramento. 2007. *In:* SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. *In:* BARBOSA, Joaquim (Coord). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação.** São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo; SOUZA, Ivane Pedrosa de. Sala de aula: avançando na concepção de leitura. *In:* BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo;

SOUZA, Ivane Pedrosa de. **Sala de aula:** Práticas de leitura no Ensino Fundamental (Org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry:** experience and story in qualitative research. Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FREIRE, Paulo. **A Importância Do Ato De Ler.** Autores Associados: Cortez, São Paulo, 1989.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais infantis:** o jogo, a criança e a educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 7.ed., Campinas, SP: Pontes, 2000.

SANTOS, S. M. P. dos. **Brinquedo e Infância:** um guia para pais e educadores em creche. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

EFEITOS DO TOM DE PELE? UM OLHAR DISCURSIVO MATERIALISTA

Jhucyane Pires Rodrigues⁸

O Brasil é um país rico no que tange a diversidade étnico-cultural, no entanto, esse fator não impede a coexistência de preconceitos, sobretudo, do racismo. Esse é, de tal modo, tão enraizado na sociedade brasileira, que se torna praticamente impossível ignorar a presença do discurso racial enviesado nas mais diversas materialidades. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a refletir acerca da presença do discurso racial sobre o corpo feminino, através do seu funcionamento discursivo em uma charge veiculada na *internet*.

Portanto, trata-se de um estudo de cunho interpretativista, conforme prevê o aparato teórico-analítico da Análise de Discurso de matriz Materialista (doravante AD). Desse modo, utiliza-se do batimento descrição-análise, em busca de pistas discursivas, essas materializam na textualidade as ideologias que circulam no meio social. Para se fazer possível esta pesquisa, contou-se com a Lei de Femicídio (2015) e os estudos de teóricos da AD. O corpus em questão é constituído por uma charge do Gilmar (2018), selecionada de modo exploratório, e que retrata o assassinato de uma mulher negra e periférica, bem como também, o olhar da sociedade perante estas mortes.

A Lei nº 13.104, Lei do Femicídio, surgiu em 2015 (Brasil, 2015). Ainda assim, nos dias atuais, essa não é vista e aplicada com o rigor que a causa exige. No crime de Femicídio, a condição de gênero é o fator determinante da violência, no entanto, como afirmam Meneghel e Portella (2017, p. 3079) há uma “maior incidência em mulheres que possuem condicionantes raciais, étnicos, de classe social, ocupação ou geracionalidade”. Esta análise busca justamente retratar essas nuances, observe o *corpus* abaixo:

⁸ Graduada em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco – UPE, *Campus* Garanhuns. Atualmente cursa uma pós-graduação lato sensu em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Inglesa, pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante - FAVENI. E-mail: jhucyanerodrigues@gmail.com.

Figura I: *Corpus*

Fonte: Rádio Peão Brasil, Jornal Virtual. Nov./2018.

A charge analisada retrata uma mulher negra, que se subentende ser de uma classe social baixa – tendo em vista a construção irregular de madeira ao fundo da cena, popularmente chamada de barraco –; ao que o contexto sócio-histórico-ideológico indica, morta por seu companheiro, sendo *velada ao léu* por seus familiares, esses estão ao seu lado atônitos, em silêncio, ou silenciados. Conforme aponta Orlandi (1987), o silêncio como linguagem, fazendo parte de uma materialidade discursiva, não é neutro. Significa de acordo com suas condições de produção postas.

No nível intradiscursivo, ou melhor dizendo, na materialidade posta: *É só uma mulher negra que teve um desentendimento com o marido*, denota-se uma linguagem expressivamente preconceituosa, elitista, ou seja, que reproduz as relações sociais de dominação/subordinação (Souza, 2017). Contudo, esse tipo de discurso ainda é muito recorrente, em parte, pela mídia recorrentemente ainda abordar tais casos como crimes banais/passionais e não como um crime hediondo. No interdiscurso é apontada a imagem do corpo negro sendo subserviente, ou sendo açoitado e humilhado de forma cruel quando se deslocava desse lugar pré-determinado de servidão.

A partir da análise, fora evidenciado que o chargista retrata sentidos cristalizados no imaginário social, a perpetuidade e naturalização da violência. Violência que é tão comum ao corpo negro quando esse foge dos seus deveres para com seus senhores, ou quando não lhe é mais útil. Atualmente, os homens são os capatazes de suas casas, eles se configuram como detentores do poder da instituição família, esse forte Aparelho Ideológico do Estado (Althusser, 1987). Diante desse cenário, observa-se que essa violência atravessa os sentidos de modo inter

e intradiscursivo, no passado e no futuro, posto que o feminicídio mata todo o ambiente familiar, o lar.

Por fim, pode-se concluir de modo pontual que, pelo uso do gênero textual charge, é possível suscitar sentidos que ressurgem não apenas da linguagem verbal, mas também da linguagem imagética e de toda a historicidade presente nos discursos, sejam os “novos” discursos que se inscrevem no intradiscorso, seja os dizeres já-ditos e esquecidos, mas que ressurgem com vigor nas materialidades. Ademais, é evidenciado que não se pode pensar as questões de gênero, as dissociando das categorias de classe e de raça, ambas estão interligadas, e enxergá-las implica em gestos de leitura mais fidedignos à realidade que se apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Racialidade. Feminicídio. Charge.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

BRASIL. **Lei nº 13.104**, de 09 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 -Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em: 12 out. 2020.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. **Feminicídios: conceitos, tipos e cenários**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, p. 3077-3086, set 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SxDFyB4bPnxQGpJBnq93Lhn/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. Ed. Campinas: Pontes, 1987.

RÁDIO peão brasil. **Charge do Gilmar**. 2018. Disponível em: <https://radiopeaobrasil.com.br/charge-do-gilmar-79/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SOUZA, Mariana Jantsch de. **O Discurso de ódio na democracia brasileira: uma análise discursiva do processo de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) –Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2017.

DO LUGAR SOCIAL AO LUGAR DISCURSIVO: ANÁLISE DE UM CORPUS

José Domingos de Jesus Santos⁹

Com base na teoria Pecheutiana acerca da noção de sujeito na Análise do Discurso (AD), a qual afirma que o sujeito da AD não é um indivíduo empírico, mas sujeito de um discurso que, por acreditar que é produzido por ele mesmo, traz consigo marcas sociais, ideológicas e históricas, e pautado nos estudos de Grigoletto no que tange a posições-sujeito e lugar social e discursivo, o presente trabalho analisa as diferentes posições discursivas ocupadas pelo sujeito enunciador principal da materialidade linguística “*Preconceito contra a educação*” (Veja, edição 2218, ano 44, nº 21/ 25 de maio de 2011) e mostra como o imbricamento delas produzem efeitos de sentido, uma vez que esses movimentos ora podem aderir a um ponto de vista do discurso, ora a outro.

Justifica-se a investigação a partir da hipótese de que o enunciador principal de textos opinativos- jornalista - sobre o uso culto da língua se utiliza da argumentação do senso comum para deslegitimar estudos linguísticos e assumir um discurso ideológico pregado pelo lugar social de onde ele enuncia- a revista Veja - o de que as instituições educacionais devem ensinar somente a norma culta da Língua Portuguesa.

Busca-se com a investigação pretendida alcançar os seguintes objetivos: analisar como as diferenças posições-sujeito se movimentam entre lugar social e lugar discursivo, observar como esses movimentos ora podem aderir a um ponto de vista do discurso, ora a outro, e averiguar o posicionamento ideológico do sujeito-jornalista em relação ao ensino da norma culta da Língua Portuguesa.

Para tanto, a metodologia adotada à natureza desta pesquisa foi qualitativa. Desta feita, procedeu-se a análise discursiva da matéria intitulada “*Preconceito contra a educação*”, da revista Veja, intencionando discutir lugar social, lugar discursivo e posição-sujeito do enunciador principal da referida materialidade.

A fundamentação teórica da análise do *corpus* considerou a noção de sujeito em Pêcheux, revista por Grigoletto, a qual afirma que o sujeito vai ao lugar onde circulam os saberes constituídos de uma certa Formação Discursiva, isto é, vai ao interdiscurso, fazendo um recorte para incorporar o que aí lhe interessa. A teoria Pecheutiana afirma que nenhum discurso

⁹ Mestrando em Letras pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Email: Josedomingos266@academico.ufs.br

é transparente e que o sujeito do discurso não é uno, posto que os efeitos de sentidos são ideológicos e se constituem nas relações estabelecidas entre palavras, textos, e eventos discursivos. Desse modo, sujeito e sentido se mantêm no discurso. Para Grigoletto, o sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo de seu discurso.

Nesse sentido, os resultados alcançados revelam que o sujeito-jornalista assume mais de uma posição-sujeito discursiva, à medida que é guiado ora pelo universo das teorias gramaticais, ora pelos saberes da linguística. Em sua aderência às teorias da área da Linguística-Letras, ele oscila ao ocupar o lugar de fala de um gramático e de um linguista. Além disso, utiliza-se de diferentes fontes desses campos para chegar à conclusão de que instituições educacionais devem ensinar somente a norma culta da Língua Portuguesa.

A aderência faz com que a oscilação discursiva do sujeito analisado reforce a imagem presente na ordem do discurso do cotidiano de que a norma popular da língua não tem status social. O sujeito-jornalista assume o lugar discursivo do mundo científico e, ao mesmo tempo, da própria mídia. Ocupando a posição social de jornalista, o enunciador apregoa o discurso, sobretudo, de um gramático, de modo que seu dizer legitima outros discursos. Fica claro, então, que o enunciador do discurso, ora posto em análise, se posiciona em favor de um discurso que preconiza o falar e o escrever bem — durante toda a coluna.

Nesse gênero, de caráter opinativo, o sujeito jornalista se apossou de ideias prontas e universais, que estão no inconsciente da maioria da população, para sustentar sua visão sobre os usos linguísticos e constituir-se como falante do bom português. Esse movimento representa a busca de identidade por um sujeito que não reconhece sua fragmentação e busca negociar no seu discurso com essas outras vozes, na ilusão de ser sujeito autônomo, sujeito de escolhas. As diferentes posições-sujeito assumidas pelo jornalista revelam uma identificação com o discurso ideológico pregado pelo lugar social de onde ele enuncia - a revista *Veja*. Assim, as posições enunciadas de dois lugares do ramo das Letras legitimam outras formações discursivas e outros discursos.

Em suma, pontua-se que as diferentes posições-sujeito estão no modo como o sujeito do discurso se relaciona com as formações sujeito-histórica, em que os saberes tanto científicos quanto de ordem quanto do senso comum se imbricam. Dessa forma, evidencia-se que o lugar e o discurso operam por meio de deslocamentos, de identificação e de contra- identificação.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Ideologia. Grigoletto. Pêcheux. Revista *Veja*.

REFERÊNCIAS

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso UFRGS, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...**Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 154-164. Disponível em: <www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/.../EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2020.

Veja, Edição 2218, ano 44, nº 21/ 25 de maio de 2011.

LETRAMENTOS VISUAL E LITERÁRIO CRÍTICOS: INTERAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE A OBRA ORGULHO E PRECONCEITO NA PLATAFORMA SKOOB

Luane da Silva Gomes Almeida ¹⁰

Olira Saraiva Rodrigues ¹¹

O estudo dos impactos da tecnologia em âmbito educacional tem produzido debates e pesquisas repletos de desdobramentos sobre o desafio de integrar esses dois eixos na atualidade. A inserção cada vez mais veloz de novas tecnologias na sociedade altera o dinamismo da aprendizagem e a aquisição de novas linguagens para transitar por diversos meios sociais, cujos espaços apresentam-se interconectados por meio de dispositivos ou suportes digitais. A presença das plataformas virtuais, a chegada da WEB 4.0, os avanços nas técnicas de inteligência artificial, como o Chat GPT, são exemplos de transformações tecnológicas digitais popularizadas no cotidiano, as quais rapidamente poderão ser substituídas; contudo, afetam diversas atividades sociais, entre elas, ler e escrever.

Partindo desse pressuposto, buscaremos compreender, enquanto problema de pesquisa: *De que forma os recursos multimodais e multissemióticos contribuem para construção de sentidos, e conseqüentemente, para o letramento visual e literário críticos da obra Orgulho e Preconceito nas práticas de leitura e escrita entre os participantes da plataforma Skoob?*

Nesse contexto, percebe-se que há um descompasso entre os avanços da tecnologia digital e as demandas educacionais, implicando não somente, novas formas de aprender, como também de ensinar. Com efeito, tais mudanças nas interações e nas práticas sociais influenciam a quebra de paradigma, sustentadas por práticas educacionais desalinhadas com os novos domínios que perpassam o conhecimento e a linguagem. No intuito de se alcançar a meta pretendida, estruturamos o percurso desta pesquisa nos seguintes objetivos: *Objetivo Geral:* Compreender as abordagens e implicações de leitura e escrita em uma perspectiva de letramentos visual e literário críticos da obra “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen na plataforma Skoob e, *os objetivos específicos:* Analisar os conceitos de multimodalidades, bem

¹⁰ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/ UEG). Graduada em Letras Português (UESPI). Professora de Língua Portuguesa na SEE/DF. *E-mail:* luane.almeidagomes@gmail.com *Lattes ID:*

¹¹ Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT/UEG). Doutora em Arte e Cultura Visual (UFG). Pós-Doutorado pelo Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Porto / Portugal. Pós-Doutorado em Estudos Culturais (UFRJ). *E-mail:* olira.rodrigues@ueg.br

como o uso de recursos multimodais na construção de sentidos, por meio da Teoria Multimodal do discurso, a partir de textos visuais, imagéticos e escritos da obra *Orgulho e Preconceito* na plataforma *Skoob*; discutir registros de letramentos visual e literário críticos sobre a obra *Orgulho e preconceito*, na plataforma *skoob*, a partir do o entendimento da Gramática do Design Visual (Kress e Van Leeuwen, 1996); refletir as implicações do uso da plataforma *Skoob* para a leitura e escrita na contemporaneidade.

Para concretizar os objetivos descritos nesta pesquisa, faremos uma aproximação com o método fenomenológico, o qual consolida a compreensão do objeto de pesquisa a partir das experiências e vivências dos sujeitos e suas interações com o mundo. A abordagem será qualitativa por possibilitar uma análise aprofundada do fenômeno a que nos propomos investigar. A pesquisa tem motivação netnográfica, uma vez que os estudos netnográficos visam “fornecer um conjunto de diretrizes metodológicas, uma abordagem disciplinada ao estudo culturalmente orientado daquela interação mediada pela tecnologia que ocorre por meio da internet e das tecnologias da informação...”. (Kozinets, 2014, p. 11). Quanto aos procedimentos, faremos uso da pesquisa bibliográfica, pois se torna importante a elaboração de um aporte teórico que sustente todas as fases da pesquisa, especialmente os resultados; e quanto aos objetivos, a pesquisa exploratória, terá grande valia, tendo em vista permitir uma aproximação maior com o objeto investigado.

A atuação das pessoas nos grupos ou comunidades discursivas é fundamental para compreendermos o emprego de novos recursos linguísticos, resultando, por exemplo, em novas práticas linguísticas, estilos e gêneros textuais. Nesse bojo, a plataforma *Skoob*, cujo nome significa *Books* em inglês ao contrário, surge como um espaço disponível gratuito para prática de leitura e escrita, na qual seus participantes reúnem-se com um compromisso recíproco e compartilham repertórios, além de evidenciar posicionamentos, por meio das interações discursivas com rico uso de recursos multimodais.

O Corpus desta pesquisa será composto de 36 recortes de interações discursivas multimodais, verificados entre os meses de janeiro/23 a julho/23. Buscaremos estabelecer uma relação entre os dados e as duas categorias de análises orientadas pela Construção de sentidos e pela Prática Discursiva Colaborativa.

A multimodalidade, nestes recortes, apresenta-se por meio da linguagem verbal, audiovisual, da imagem, gestos, entonação da fala, conexão com outros *hiperlinks* os quais direcionam leitores para outras interações discursivas multimodais sobre o mesmo conteúdo literário, sobre a presença de recursos multimodais nos textos, KRESS E VAN LEEUWEN (1996) acrescentam que cada vez mais textos oferecem ao leitor uma escolha de caminho de

leitura, e ainda mais do que, no caso de textos em que se pode discernir uma leitura plausível, deixam ao leitor como percorrer o espaço textual.

PALAVRAS-CHAVE: letramentos; orgulho e preconceito; plataforma Skoob.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**/ Jane Austen; tradução Lúcio Cardoso; prefácio Raquel Sallaberry Brião. – 22. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRASIL. **SKOOB**. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/>. Acesso em: 24 de Ago. 2022

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Saleme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grandó. Revista Linguagem em Foco, v.13, n.2, 2021. P 101-145. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>. Acesso em 17 abr. 2023.

KOZINETS, R. **Netnografia**: realizando pesquisa Etnográfica online. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images. The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 1996.

O ENSINO DE FLEXÃO E DERIVAÇÃO NA ABORDAGEM DA METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM LINGUÍSTICA ATIVA

José Sarney de Sousa Martins Júnior¹²
Rafael Dias Minussi¹³

A presente pesquisa pretende descrever como os processos de derivação e flexão são vistos na Educação Básica, buscando compreender como são abordados esses processos, além de promover, com a aplicação de Oficinas elaboradas utilizando a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa em salas de aula do Ensino Fundamental II, novas propostas de ensino desses temas, buscando preencher possíveis lacunas existentes em livros didáticos de Língua Portuguesa. Desse modo, esperamos construir, com o auxílio de uma confiável base teórica, atividades que proporcionem um ensino de língua mais prático, dinâmico, atrativo e mais próximo do conhecimento já produzido pelas pesquisas em Linguística.

Assim, a pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender alguns fenômenos referentes ao ensino de flexão e derivação. Diante disso, abordamos a problemática levantada por Gonçalves (2007), o qual aponta que algumas gramáticas e livros didáticos trabalham o ensino de flexão e derivação ora em seções distintas, ora em seções iguais, causando divergências entre os modos de apresentar os conteúdos e fenômenos morfológicos, podendo gerar confusão no processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Tem-se como objetivo geral: discutir uma proposta para o ensino de flexão e derivação nos anos finais do Ensino Fundamental; os objetivos específicos são: a) analisar os conteúdos de flexão e derivação presentes em dois livros didáticos, um do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental II; b) utilizar a metodologia da aprendizagem linguística ativa; c) elaborar e aplicar uma oficina para o ensino de flexão e derivação e d) desenvolver uma atividade pautada em jogos e materiais manipuláveis.

A base teórica da pesquisa constitui-se em autores como Chomsky (1986 e anos seguintes), com a Teoria da Linguística Gerativa, como base primordial para este trabalho, além de Pilati (2017, 2020), com a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, que promove discussões acerca de atividades lúdicas e criativas para a disciplina de Língua Portuguesa. Por sua vez, os estudos sobre Morfologia do português sobre os processos de Flexão e Derivação

¹² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, sarneyjunior1995@gmail.com

¹³ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, rafael.minussi@unifesp.br

serão discutidos com base nas pesquisas de Minussi e Barbosa (2021), Gonçalves (2007), Souza (2021), Basílio (2013), Câmara Júnior (1970), além dos documentos: BNCC, PCN e PNLD, que também são muito importantes para que possamos localizar os conteúdos que são o foco desta pesquisa.

Esta pesquisa define-se como um estudo de campo com abordagem qualitativa, tendo buscado informações que serviram como base para a fundamentação do seu desenvolvimento. Assim, destaca-se os principais procedimentos de análise utilizados na pesquisa: leitura dos materiais teóricos sobre: Teoria da Linguística Gerativa, Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa (PILATI, 2017, 2020 e outros), além de materiais sobre o ensino da morfologia, baseado em pesquisadores, como: Basílio (2013), Minussi (2021), Minussi e Barbosa (2021), Souza (2021), Câmara Jr (1970), Gonçalves (2007), além de compreensão de documentos prescritivos sobre a BNCC, os PCN e o PNLD; levantamento bibliográfico; escolha dos livros didáticos a serem analisados e das séries que serão aplicadas as sequência didática; análise dos livros didáticos; elaboração de oficinas didáticas, destacando os conteúdos de flexão e derivação; aplicação da oficina didática; análise sobre aplicação das oficinas; resultados deste estudo.

A oficina divide-se em 8 aulas: 1ª Aplicação do questionário, 2ª avaliação e devolutiva do questionário, 3ª introdução ao sistema de formação de palavras – atividade com o dicionário, 4ª atividade de consciência morfológica, 5ª atividade da semântica das palavras, 6ª aplicação de jogos e/ou materiais manipuláveis, 7ª produção textual e 8ª aplicação do questionário final.

Como resultados preliminares, observa-se que é perceptível que os autores dos livros didáticos ainda trabalham a questão do grau apenas em seções de flexão, porém, como já visto, essa relação é resultante de muita reflexão e discussão entre os especialistas em morfologia, mostrando que o grau pode ser enquadrado em mais de um processo morfológico, a saber, a flexão e a derivação. Destaca-se o exemplo das terminações -inho e -ão, as quais os livros ainda trazem como determinantes de pequeno e grande, porém, como também discutimos nesta pesquisa, existem questões semânticas e efeitos de sentido que vão além dessas determinações.

PALAVRAS-CHAVE: Flexão e Derivação. Gramática. Livro didático. Metodologia da Aprendizagem Ativa. Morfologia.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, M. O ensino da Morfologia nos cursos de Letras: a relevância da formação de

palavras. Rio de Janeiro. **Gramática e ensino**. 67-95. 2013.

CÂMARA JÚNIOR, M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 1970.

CHOMSKY, N. **Conhecimento da linguagem: sua natureza, origem e uso**. Greenwood Publishing Group. 1986.

CHOMSKY, N. et al. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. 1994.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. **Ensino de gramática: descrição e uso**, v. 2, p. 149-168, 2007.

MINUSSI, R. D.; BABOSA, J. W. C. Ensino de Morfologia: uma proposta de estrutura para o estudo das classes de palavras e da formação de palavras. **ReVel**, 2021.

MINUSSI, R. D. Revel na Escola: Gramática Formal e Ensino. **ReVEL**, v.19, n. 37, 2021.

PILATI, E. Semelhanças e diferenças entre os conceitos de Aprendizagem Ativa e Aprendizagem Linguística Ativa. **Revista Linguística**, v. 17, n. 2, p. 108-122. 2021.

SOUZA, T. V. O ensino de morfologia – uma abordagem 3 c: crítica, criativa e contextualizada. 2. ed. Rio de Janeiro: **Diadorim**. v. 23, 530-549. 2021.

TRADIÇÃO E RUPTURA: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO FEMINISTA NAS TIRINHAS DE MAFALDA

Vanessa Alves de Araújo¹⁴
Alan Lôbo de Souza¹⁵

A personagem Mafalda, criada pelo cartunista argentino Quino, é uma garotinha de aproximadamente seis anos e que se diferencia das demais de sua época, sendo caracterizada dessa forma pois, segundo Eco (1968), questiona as coisas ao seu redor e aborda em suas tirinhas assuntos sociais diversos, bem como a hipocrisia humana, o meio ambiente, política, desigualdades sociais e de gênero, dentre outros, mostrando-se contrária a todo sistema que silencia os direitos dos indivíduos e, por esses motivos, é considerada revolucionária. Com isso, a protagonista, ao se deparar com discursos conservadores de sua mãe, Raquel, e posicionamentos machistas de sua amiga Susanita, busca formas de romper com tais estereótipos. Desse modo, surgiu a seguinte problemática: como os discursos sobre a mulher são formados nas tirinhas da Mafalda, de modo a produzirem sentidos conflitantes e distintos?

Visando responder a tal questionamento, este trabalho objetiva analisar como a jovem usa discursos feministas para tentar romper com o conservadorismo ideológico associado à figura da mulher. Para tanto, busca-se identificar as sequências discursivas e descrever como são construídos os discursos das personagens femininas quanto à posição da mulher, de modo a compreender como o imaginário social sobre essa figura é produzido. A escolha desse *corpus* se deu partindo da observação de elementos que possibilitam a análise da produção de sentidos em meio a discursos contraditórios, ou seja, o discurso feminista da Mafalda *versus* os posicionamentos conservadores/machistas de sua mãe Raquel e da amiga Susanita. Nos apoiamos na Análise do Discurso Materialista de Michel Pêcheux (1995[1975]) e as condições de produção, interdiscurso e ideologias em meio às formações discursivas e construção de sentidos; e Eni Orlandi (2021) que também desenvolve pesquisas em AD no Brasil, baseadas em estudos pecheutianos.

No que se refere à metodologia, destacamos que a pesquisa é qualitativa e de natureza documental. O *corpus* compõe-se de três tirinhas, sendo uma com diálogos estabelecidos entre

¹⁴ Mestranda no Curso de Linguagem e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) – Teresina, PI. E-mail: vanessaaraujophb@gmail.com

¹⁵ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI/PPGL). E-mail: alan.lobo@prp.uespi.br

Mafalda e sua mãe; outra com interações discursivas da protagonista com a amiga Susanita, que sonha com a chegada da fase adulta para casar-se e viver em função do marido, apresentando desde cedo discursos machistas; e uma tirinha somente com Raquel, figura conservadora, que abandonou os estudos para dedicar-se à posição de mulher submissa à figura masculina mais próxima, assumindo a função de cuidadora dos filhos e de seu lar, no entanto, em vários momentos, se mostra reflexiva sobre as decisões tomadas em sua vida.

Observamos que Mafalda mobiliza tons críticos, influenciada pelo feminismo que, conforme Alves e Pitanguy (1991), busca promover a igualdade de gênero e garantir os direitos das mulheres. Ademais, os discursos da garotinha são moldados pelas condições de produção e ideologias já defendidas (ou já-ditas) (Pêcheux, 1995[1975]) (Orlandi, 2021), por esse movimento e que eram propagadas desde o período em que a personagem foi criada, situando-se entre as décadas de 1960 e 1970. Com efeito, a jovem questiona as normas de gênero e os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, desafiando as visões conservadoras e machistas que predominam na sociedade. Ao confrontar essas ideologias, a protagonista contribui para a anulação de estereótipos e tradições que têm raízes profundas na cultura patriarcal, perpetuadas com o auxílio de doutrinas religiosas, que dão corpo ao imaginário social sobre a mulher historicizado há séculos e que podem ser notados por meio dos discursos de Susanita e Raquel.

Logo, no que se refere à Susanita, é possível examinar como os padrões de comportamento tradicionais são internalizados desde cedo por algumas pessoas, reforçando o funcionamento do interdiscurso (Pêcheux, 1995[1975]), tendo em vista que, os posicionamentos da referida personagem têm como base o já-dito pelo patriarcado, que é transmitido e ressignificado em diferentes circunstâncias. A atuação deste elemento discursivo também é percebida partindo dos comportamentos de Raquel, logo, embora trilhe um caminho conservador, sua reflexão sobre as decisões tomadas em sua vida demonstra que, indivíduos que adotam essas normas podem experimentar momentos de questionamento e autoconsciência. Sobretudo, apesar de seguir tais ideologias, a figura materna de Mafalda ainda pode ser caracterizada como vítima da cultura patriarcal, tornando-se "prisoneira" de pensamentos que a obrigam a conformar-se com os padrões socialmente impostos para a mulher.

Assim, os discursos destas três personagens, Mafalda, Susanita e Raquel, em suas interações, ressaltam a complexidade das concepções sobre o papel da mulher na sociedade e também revelam as dinâmicas de poder que subjazem às relações de gênero, que são frequentemente mascaradas ou normalizadas. Ao analisar esses diálogos, podemos compreender melhor como os sentidos são formados pelos posicionamentos dessas figuras e

como refletem não apenas as visões individuais, mas também as influências sociais e culturais que moldam essas perspectivas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Conservadorismo. Feminismo. Tirinhas da Mafalda.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Cultural/Brasiliense – Coleção Primeiros Passos, 1991.

ECO, Umberto. **Mafalda ou Recusa**. *In*: Prefácio para edição de *Mafalda la Contestaria*, Bompiani, 1968 – reproduzido na edição de *Toda Mafalda*.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].

A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA DO ALUNO DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Márcia de Brito Pinto¹⁶
Tarcilane Fernandes da Silva¹⁷

Conforme Pêcheux (2014) o discurso é um efeito de sentido emergido ancorado às condições de produção em que se encontra o sujeito. Na escola o discurso que atravessa a prática de aprendizagem do sujeito-aluno é produzido pelo livro didático que ele tem contato, material legítimo da escola. Nesse sentido, afirmamos que toda a estrutura do livro didático de Língua Portuguesa, o modo como é concebido a língua nesse material, é pensando no perfil do sujeito-aluno que integra à escola e que funciona, assim, como um sujeito e corpo ideológico que permite significar esse aluno, bem como a prática docente que implica no modo de agir do sujeito-professor e do sujeito-aluno dentro da escola.

Em vista disso, dissemos que todos os discursos que estruturam este material condicionam comportamentos, porque sua produção parte do imaginário social que os seus autores têm acerca do tipo de sujeitos-alunos que integram à escola. Essas imagens não só direcionam as atitudes, mas determinam as relações sociais que se estabelecem entre os sujeitos professor e aluno. Diante desse apontamento e tendo um livro didático como um sujeito que determina e direciona a prática pedagógica, propusemos investigar, por uma perspectiva discursiva, quais sentidos acerca do sujeito-aluno do terceiro ano do ensino médio são formulados no livro didático de língua portuguesa? Qual perfil do sujeito-aluno do terceiro ano do ensino médio é inscrito no livro didático de língua portuguesa?

Com o fito de responder a essas questões, traçamos como objetivo geral: analisar como o sujeito-aluno do terceiro ano do ensino médio é inscrito no projeto didático autoral do livro didático de Língua Portuguesa; como objetivos específicos: descrever como as políticas educacionais refletem o imaginário social do sujeito-aluno do ensino médio; apontar qual perfil do sujeito-aluno, a partir do funcionamento discursivo, vem se institucionalizando historicamente no ensino público brasileiro no projeto didático autoral do livro didático de Língua Portuguesa dos anos 2000 a 2020; e analisar como as regularidades discursivas

¹⁶ Graduada em Letras Portugues pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: marcia.pb456@gmail.com

¹⁷ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É professora adjunta do campus Dra. Josefina Demes. E-mail: tarcilanefernandes@frn.uespi.br.

metamorfoza os sentidos sobre o sujeito-aluno nos livros didáticos de Língua Portuguesa dos anos 2000 a 2020.

Esta pesquisa se torna relevante para se pensar como o livro didático de língua Portuguesa, pelo seu funcionamento discursivo, interfere nas posições que os sujeitos podem assumir no interior do espaço escolar, bem como para observar como a prática docente tem sido concebida por este artefato ao longo da história. Para o desenvolvimento desta pesquisa adotamos como referências teóricas: Orlandi (1987), Pêcheux (1997; 2014), Silva (2020), Munakata (2016) e outros. A metodologia se constitui em: escolhas dos livros didáticos; recortes dos gêneros e proposições de atividades e as análises, tendo como critério de análise apontar como a língua é colocada em relação ao sujeito-aluno para, a partir disso, compreendermos os sentidos desse sujeito e qual o seu perfil é traçado nesta materialidade. O nosso *corpus* se constitui em 03 (três) livros didáticos de Língua Portuguesa do terceiro ano do ensino médio que são: *Português literatura produção de textos e gramática* (2000) de Samira Yousseff Campedelli e Jésus Barbosa Souza; *Português, contexto, interlocução e sentido* (2008) de Maria Luiza M. Aburre, Maria Bernadete M. Aburre e Marcela Pontara; *Interação português* (2020), dos autores Graça Sette, Ivone Ribeiro e Márcia Travalha.

Parcialmente, concluímos que, por meio do livro didático, forma-se um sujeito de conhecimento escolarizado, distanciado de sua realidade e história. Ele se torna um sujeito submetido ao sistema educacional, expressando-se não por escolha própria, mas de acordo com as limitações impostas pelo livro didático. Os discursos gerados por esse sujeito-aluno, que moldam sua identidade na escola, são condicionados pelas restrições do material didático, influenciando seu comportamento e sua interação com o mundo ao seu redor.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário Social. Livro didático. Perfil do sujeito-aluno.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luzia M. ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português, contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. **Português literatura produção de textos e gramática**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MUNAKATA, K. O livro didático como mercadoria. **Pro-Posições**. Campinas, SP, v. 23, n.3, p.5166, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/prop/prop/article/view/8642828>. Acesso em: 24 set. 2023.

ORLANDI, Eni. P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 2. ed. rev. eam. – Campinas, SP: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. **Análise Automática do Discurso (1969).** Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª edição. Campinas-SP. Ed. da Unicamp, 1997.

SILVA, Tarcilane Fernandes da. **A leitura e os sujeitos leitores inscritos em um livro didático de língua portuguesa:** uma análise discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 220p.

POETRY SLAM: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA POESIA PELA METÁFORA E A IDEOLOGIA

Rafaela Tristão Schulz¹⁸

João Carlos Cattelan¹⁹

O presente artigo tem por objetivo analisar um poema da poeta Mariana Felix, com o intuito de elencar os conceitos da Análise do Discurso de Orientação Francesa (doravante AD). O *Poetry Slam* chegou no Brasil, através da poeta brasileira Roberta Estrela D'Alva, que ganhou uma competição em Paris. Para D'Alva (2011):

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. (D'ALVA, 2011, p. 120)

Para a poeta, o *Poetry Slam* não só representa um acontecimento poético, mas também se mobiliza como um movimento social. As questões sociais elencadas nos discursos dos poetas são diversas: racismo, feminismo, violência, empoderamento, entre outras.

O *corpus* a ser utilizado, é um vídeo da poeta Mariana Felix, intitulado “Receita”, foi apresentado na competição no ano de 2021, no Slam Resistência²⁰. Mariana Felix, é poeta, escritora e formadora do *Slam Interescolar*.²¹

A metodologia a ser utilizada, consiste nos princípios da Análise do Discurso (AD), e seus respectivos teóricos nesta área.

A poeta utiliza figuras de linguagem, ao declamar a poesia como se fosse uma receita, como corresponde ao próprio título do vídeo. Pode-se notar a metáfora ao início do poema. Felix (2019):

Um dia peguei todo “gostosa” e “gatinha”
E coloquei em minhas panelinhas
Separei a dedo o cinismo do que era ou não coisa de menina;
3 pitadas de recalque, 2 doces de mal amada
Em fogo alto do meu temperamento opaco
Eu cozinhei... cada mau trato!
(FELIX, 2019, p. 54)

¹⁸ Mestranda em Linguística, licenciada em Letras- Português/Espanhol, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Email: rafatristaotrx@gmail.com

¹⁹ Dr. em Linguística, Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste, email: jcc.cattelan@gmail.com

²⁰ *Slam Resistencia* é realizado na cidade de São Paulo.

²¹ Slam interescolar é realizado nas escolas de São Paulo.

Segundo Orlandi (2020, p.34) “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. Com as figuras de linguagem, a poeta vai dando forma ao seu poema e transmitindo seus sentimentos e sua vivência.

Figura 1 – “Receita”



Fonte: RECEITA. São Paulo: [s. n.], 2019. Disponível em: https://youtu.be/evoJ_qkFaSI?si=csgDY2gbcNJUIGRR. Acesso em: 14 fev. 2024.

A poeta está inserida em uma formação discursiva (doravante FD), feminista e, ao longo do poema, descreve violências vividas dentro de um relacionamento abusivo. No trecho: “*separei a dedo o cinismo do que era ou não coisa de menina*”, nota-se a crítica à construção ideológica patriarcal que as mulheres têm desde quando nascem, a qual ocorre uma separação sexista do que é, “coisa de menina” que acarreta a diversos estereótipos femininos.

A metáfora, é o que constitui o poema, visto que o sentido já é metafórico. Em outro trecho a poeta discorre: “da bolsa tirei a verdade que te cortou feito faca”, ao remeter que a verdade pode ser cortada. Para Orlandi (2020, p.51) “se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições.” Esse deslizamento, também é nítido no trecho “vi suas injurias escorrendo pela vala”, na qual a poeta utiliza a figura de linguagem em seu discurso.

Sendo assim, observa-se que esse trabalho visa detalhar os conceitos da Análise de Discurso Francesa (AD), com o intuito de demonstrar onde eles se sobressaem no corpus analisado. Contudo, pode-se constatar que o discurso é repleto de conceitos discursivos, entre eles a metáfora, a ideologia e a resistência. Claramente, o discurso possui diversos princípios discursivos, mas os que se apresentam fortemente foram esses citados acima. Consta-se, que

através do discurso poético, foi possível perceber como a poeta expõe suas vivências, vivências essas, que servem para fortalecer e auxiliar outras pessoas, principalmente mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. *Poetry Slam*. Metáfora.

REFERÊNCIAS

ESTRELA D'ALVA, Roberta. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena.** In: Synergies Brésil, n° 9 - 2011 pp. 119-126.

FELIX, Mariana. Receita. In: **Empoderamento Feminino.** [S. l.: s. n.], 2019. cap. 54, p. 4-122.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 13^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

RECEITA. São Paulo: [s. n.], 2019. Disponível em: https://youtu.be/evoJ_qkFaSI?si=csgDY2gbcNJUIGRR. Acesso em: 14 fev. 2024.

AUTORIA E DISCURSO AUTORITÁRIO: ANÁLISE DE PRÁTICAS DISCURSIVAS ESCOLARES

Cynthia Guimarães da Silva²²
Tarcilane Fernandes da Silva²³

Uma premissa básica deste trabalho é a problematização da questão da autoria no processo de ensino da escrita, tendo em vista o discurso pedagógico numa possível forma autoritária (Orlandi, 1983). Situado no campo da Análise do Discurso materialista, este estudo trata a questão da autoria numa perspectiva que relaciona sujeitos e discurso, no sentido de se pensar o modo como a escola atua na produção ou não de autoria. Partimos do pressuposto de que as concepções de escrita e o modo como o sujeito-professor compreende a língua são aspectos que atravessam os sujeitos no processo de ensino-aprendizagem se constituindo enquanto práticas simbólicas, logo, são objetos de reflexão desta pesquisa e concebidos enquanto discursos que constituem os sujeitos e os sentidos.

Além disso, a Análise do Discurso tem um modo particular de relacionar língua e discurso. O discurso não é visto como algo que é produzido totalmente sem a influência de determinações históricas; e a língua não é vista como totalmente fechada em si mesma, esta é passível de falhas e equívocos. Dessa maneira, numa perspectiva discursiva não se pode pensar o discurso enquanto mensagem, isto é, como transmissão de informação, pois é no funcionamento da linguagem que sujeitos e sentidos são postos em processo de constituição. Assim, o objeto a partir do qual a AD apoia-se para produzir resultados é um objeto sócio-histórico, em que os processos discursivos se configuram enquanto fonte de efeito de sentidos, e a língua é o lugar em que esses efeitos se realizam (Orlandi, 2002).

Perante o exposto, pelo viés da AD analisamos práticas discursivas escolares a partir do funcionamento do discurso pedagógico autoritário, seus possíveis indícios e suas implicações, com o objetivo de compreender como esse tipo de discurso opera com relação à autoria na escrita dos alunos, para tanto, tomamos como ponto de partida para a análise a observação da sala de aula e da cadeia discursiva que envolve os sujeitos professor e aluno, bem como o trabalho com a escrita. Isso perpassa considerar o modo como o sujeito-professor compreende a língua; esse fato estrutural só é acessado por meio da ordem do simbólico, por isso, defende-se que o ponto de partida para criar possibilidades para que o sujeito-aluno exercite a escrita

²² Mestranda em Linguística da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: cinthiagsilva99@gmail.com

²³ Professora adjunta do curso de Letras Português da Universidade Estadual do Piauí. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: tarcilanefernandes@gmail.com

enquanto prática de autoria, é ter clara a concepção de que a língua está sujeita ao equívoco, e que esta, por ser atravessada pela história e pela ideologia, deve ser tomada enquanto materialidade simbólica.

Para atingir este desiderato, selecionamos como campo empírico para o nosso estudo o ambiente escolar e, mais especificamente, as salas de aula de Língua Portuguesa. Duas turmas do ensino fundamental foram escolhidas para as sessões de visionamento, uma de 6º e outra de 8º ano, ambas de uma mesma escola. Os dados da pesquisa são qualitativos e a análise que faremos é discursiva, assim, buscaremos pensar a linguagem enquanto produção social e o discurso enquanto efeito de sentidos e processo histórico.

Ademais, a metodologia é direcionada pelo levantamento de indícios do discurso autoritário por meio da verificação do modo como o sujeito-professor trabalha a escrita em sala de aula, e como o sujeito-professor interfere na visão que o sujeito-aluno tem do referente. Após a análise das práticas discursivas e fazeres em sala de aula, buscaremos comparar o dizer do sujeito-professor (colhidos por meio do questionário aplicado), e o seu fazer, tendo em vista a observação das práticas desenvolvidas em sala de aula no que se refere ao trabalho com a escrita. partir de sessões de visionamento em duas turmas do ensino fundamental, uma do 6º e outra do 8º ano, ambas de uma mesma escola, e de um questionário aplicado aos sujeitos (professores) da pesquisa.

Adotamos como aporte teórico o campo analítico da Análise do Discurso, numa perspectiva que busca relacionar língua e discurso, onde os processos discursivos se configuram enquanto efeito de sentidos, e a língua é o lugar em que esses efeitos se realizam (Orlandi, 2002). Além disso, ancora-se no método de pesquisa qualitativa, a fim de analisar elementos que em sua composição são heterogêneos, alguns dizem respeito ao modo de constituição de regras de boa construção textual (concepções); outros, práticas discursivas em sua relação com práticas de leitura e escrita. Os resultados da análise sinalizam que, no *corpus* analisado, as concepções de (linguagem e de escrita) implicam no modo como o sujeito-aluno relaciona-se com a escrita e com a produção de sentidos e que o processo de instauração da autoria é afetado, visto que o que há é o fechamento do referente, da possibilidade de realização de gestos de interpretação pelo sujeito-aluno. O trabalho argumenta que as práticas que envolvem a interpretação e escrita tendem para a circulação de um sentido que aparece como necessário e cristalizado, que fixa o lugar do sujeito-aluno de ouvinte, alçado posteriormente ao papel de reproduzidor acrítico de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria. Discurso Pedagógico. Práticas discursivas escolares. Produção textual.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E ESTUDO TOPONÍMICO DO MANUSCRITO "DIÁRIO DA VIAGEM QUE FEZ À COLÔNIA DE SURINAME: UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DE RORAIMA.

Eliabe dos Santos Procópio²⁴
Jéssica Tamara Silva de Mesquita²⁵

Este trabalho fundamenta-se em três projetos de relevância significativa: o Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), de escopo nacional, que possibilita o acesso aos manuscritos, amplia as fontes documentais e resulta na criação do Corpus Histórico do Português de Roraima. Simultaneamente, esta pesquisa está vinculada ao grupo de pesquisa NEPSol-RR (UFRR) e ao projeto de pesquisa intitulado "Descrição e História do Português de Roraima" (PVO546-2023 PPGL/UFRR). Nesse contexto, o objetivo é contribuir para esses projetos, apresentando uma edição e estudo toponímico do manuscrito "Diário da viagem" (1799), de autoria de Francisco José Rodrigues Barata.

O propósito central deste trabalho é conduzir a transcrição, edição e análise do manuscrito, visando contribuir para a compreensão do processo de implantação do português em Roraima. Paralelamente, busca-se elaborar um glossário toponímico, almejando não apenas proporcionar uma edição modernizada do manuscrito, mas também realizar um levantamento toponímico fundamentado nesse texto. A intenção é fornecer ao público em geral não apenas um manuscrito editado de forma contemporânea, mas também um recurso abrangente que permita identificar as raízes históricas do léxico roraimense, enriquecendo assim o entendimento da evolução linguística no contexto roraimense.

Diante desse contexto, o presente trabalho desenvolve uma análise composta pela edição e estudo toponímico de um documento manuscrito do século XVIII, intitulado 'Diário da viagem que fez à colônia holandesa de Suriname'. Este relato, datado de 1799, foi produzido pelo português Francisco José Rodrigues Barata, cuja versão manuscrita encontra-se acessível na Biblioteca Nacional, enquanto a versão impressa está registrada na RIHGB, no tomo 1º, 1846. Essa iniciativa visa não apenas resgatar e preservar esse testemunho histórico, mas também aprofundar a compreensão por meio de uma análise toponímica, destacando a relevância do conteúdo presente neste documento singular. O corpus desta dissertação consiste

²⁴ Professor Doutor, no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Roraima – PPGL/UFRR. E-mail: eliabe.procopio@ufrr.br

²⁵ Aluna do curso de Mestrado em Letras – PPGL/UFRR - Universidade Federal de Roraima. E-mail: jhessica.mesquita@gmail.com.

em um manuscrito composto por 152 fólhos que correspondem ao documento digital, totalizando 65 páginas na transcrição original e 50 páginas na edição modernizada.

O diário em questão representa um testemunho escrito por um servo do Estado português, destacado no antigo Grão-Pará colonial. Francisco José Rodrigues Barata, em 1798, recebeu a incumbência do Governador Souza Coutinho de embarcar para as Guianas. A missão confiada a Barata abarcava atividades diversas, desde o mapeamento de rotas até a realização de espionagem nas fronteiras e fortificações estrangeiras, além da avaliação de potenciais oportunidades comerciais na região. Ao retornar, Barata registrou suas experiências em um diário de viagem, proporcionando um relato minucioso de tudo que experimentou e observou ao longo de seu trajeto até o destino final, Suriname.

Dessa forma, o diário não apenas documenta as responsabilidades e desafios enfrentados por um representante do Estado português naquela época, mas também emerge como um valioso registro histórico, enriquecendo nossa compreensão do contexto e das dinâmicas da região no final do século XVIII.

Portanto, a análise desse registro histórico-linguístico se faz essencial para a preservação da memória da implantação do português no contexto roraimense, incluindo o estudo toponímico presente no manuscrito. Além de cumprir esse papel fundamental, o documento também se configura como uma valiosa fonte de pesquisa, capaz de subsidiar a investigação de novos dados em diversas áreas do conhecimento. O texto em questão é uma rica fonte de informações, abordando temas que se entrelaçam com interesses variados, o que, por conseguinte, amplia o acesso a um público mais abrangente

Dentre os teóricos que têm divulgado estudos relacionados à área de pesquisa, destacamos: a) Ilari e Basso (2006), Spina (2008), Procópio (2023, 2022), Procópio e Rodrigues (2023) que tratam sobre a História da Língua Portuguesa e História da Língua Portuguesa em Roraima; b) Marcotulio et al. (2018) e Cambraia (2005), em *Filologia e Edição de texto* e c) Seabra (2004) e Neri (2012) com a *Toponímia*.

A edição que ora se apresenta segue critérios semidiplomáticos, no qual, como caracteriza Cambraia (2005, p. 95):

[...] há, neste tipo, um grau médio de mediação, pois no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações para o tornar mais apreensível por um público que não seria capaz de decodificar certas características originais, tais como os sinais abreviativos. [...].

Para isso, foram seguidas as Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos/Edição Semidiplomática, propostas pelo PHPB (Projeto Para a História do Português Brasileiro). Alguns critérios desse padrão não foram aplicados, enquanto outros foram ajustados para atender às especificidades do texto manuscrito. É relevante destacar que, além da edição semidiplomática, é apresentada a edição modernizada, ou seja, refere-se a uma versão do texto original que passou por adaptações para tornar a linguagem mais compreensível e acessível aos leitores contemporâneos. Ambas as edições estão interessadas em facilitar a compreensão do conteúdo para o público atual, eliminando barreiras linguísticas que possam surgir devido às diferenças entre a linguagem utilizada na época do manuscrito e na língua moderna.

Além do estudo do manuscrito há também o estudo toponímico que consiste em nomear lugares analisando a origem, evolução, significado e características dos nomes geográficos, fornecendo informações relevantes acerca da história, cultura e língua de uma determinada região um lugar, de uma área específica (NERI, 2012 pág. 20). A toponímia engloba a análise etimológica dos nomes, explorando suas raízes linguísticas, influências culturais e possíveis mudanças ao longo do tempo. Além disso, os estudos toponímicos podem revelar aspectos interessantes sobre as comunidades que deram nome aos lugares e as razões por trás dessas escolhas.

Nesta pesquisa documental, descritiva com finalidade qualitativa e exploratória, são apresentadas as edições semidiplomática e modernizada do manuscrito de Francisco José Rodrigues Barata, Diário da Viagem. O estudo apresenta breves considerações sobre a história social da Roraima e da análise de aspectos do léxico encontrados no documento, além da composição de um produto – um pequeno glossário, elaborado a partir de unidades lexicais selecionadas no documento, com o intuito de conhecer um pouco mais a respeito dos usos da língua do texto. A pesquisa está inserida na área da Filologia.

A metodologia teve por base Telles (2018), Marcotulio (2018) e as Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos/Edição semidiplomática, do PHPB (Projeto para a História do Português Brasileiro) para entender os critérios utilizados para a devida transcrição e análise do manuscrito. Ainda sobre o *corpus*, foi realizado a transcrição com edição semidiplomática e edição modernizada e análise lexical do manuscrito.

A transcrição está direcionada para uma versão original e uma versão editada contextualizando as normas gramaticais vigentes. Na edição modernizada do manuscrito a revisão gramatical revelou melhorias significativas em sua clareza e fluidez. Correções foram feitas para eliminar erros gramaticais, como concordância verbal e nominal, uso inadequado de

pontuação e escolha de palavras imprecisas. Além disso, ajustes foram feitos para melhorar a coesão e a coerência do texto, tornando-o mais agradável de ler e compreender.

Em resumo, a revisão gramatical foi um passo fundamental na melhoria deste manuscrito, contribuindo para sua qualidade geral e impacto na comunicação de ideias sendo possível o acesso com facilidade para leitores leigos de textos antigos.

PALAVRAS-CHAVE: Edição Semidiplomática. Filologia. Manuscrito

REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz Eleildo Pereira; XIMENES, Expedito Eloísio. Uma revisão do conceito de texto e suas implicações para os estudos filológicos. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, vol. 21, n. 1, 2019, p. 25-42.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante. **Iniciação em Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Presença Edições/EdUSP, 1987.

BIBLIOTECA DIGITAL LUSO-BRASILEIRA. **Diário da viagem que fez à colônia holandesa de Surinam o porta bandeira da sétima Companhia do regimento da cidade do Pará pelos sert**. Disponível em < <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/27421> >. Acesso em: 30 de jun. 2023

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GONÇALVES. **Diálogos entre Crítica Filológica e Linguística Histórica: construindo trilhas para o estudo linguístico de textos históricos**. 2019.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz *et al.*. **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. São Paulo, 2018.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. 4. ed. melh. e aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PHPB). Plataforma de Corpora PHPB. **Normas de Edição do PHPB 2a Versão**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/normas-de-edicao-do-phpb-2a-versao>. Acesso em: 30 de jun. 2023.

SAMARA, E. M. (org.). **Paleografia, documentação e metodologia histórica**. São Paulo: Humanitas, 2010.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para que Filologia/Crítica Textual? **Revista Acta**. Assis, vol. 1, 2011, p. 1-12.

SANTOS, Rayane Thaynara; LIMA, Carolina Akie Ochiai Seixas. Transcrição e edição de uma carta oficial manuscrita do século XVIII. **Revista Philologus**, Ano 25, n. 75 Supl., Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/571/622>. Acesso em: 24 maio 2022.

SANTOS, Rosa Borges. A Filologia e o seu objeto: diferentes perspectivas de estudo. **Revista Philologus**, Ano 9, n. 26. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago. 2003, p. 44-50.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SOBRAL, Maria das Graças. **Abreviaturas: performances da escrita glossário séculos XVI, XVIII e XIX**. São Paulo: Blucher, 2021.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica: crítica textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

VASCONCELOS, José Leite de. **Lições de filologia portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Livros de Portugal, 1959.

GÊNERO TIRINHA: FORMAÇÕES E FORMULAÇÕES DE SENTIDO EM UM LIVRO DIDÁTICO

Rizia Amanda Pereira Ramos²⁶
Maria Verônica Monteiro Lima²⁷

As histórias em quadrinhos compõem a coletânea de gêneros textuais intensamente presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa e, por vezes, mobilizam inúmeras temáticas de cunho político e social, que necessitam ser analisadas em sala de aula de forma crítica e reflexiva. Dito isso, propomos analisar um livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, dos autores Everaldo Nogueira, Greta Marchetti e Mirella Cleto (2020), em que este gênero é amplamente trabalhado com fins didáticos, orientados pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e recomendados como orientação pedagógica no livro didático do professor.

A proposta de uma análise discursiva das tirinhas se deu pelo objetivo de compreender como o livro didático propõe o trabalho com a leitura crítica através das atividades de interpretação do gênero em questão. Logo, a pergunta discursiva que direciona a pesquisa é: as atividades de interpretação das tirinhas escolhidas levam em consideração a compreensão dos discursos que se materializam no texto? Buscamos investigar quais aspectos discursivos são trabalhados e problematizados por meio das atividades propostas. Para tanto, nosso recorte abrange os questionários presentes no manual didático do professor na sua relação com o texto, com o fito de refletir sobre o modo como os alunos são orientados a compreender os efeitos de sentido que se materializam através das tirinhas.

A abordagem adotada está fundamentada na teoria da Análise de Discurso materialista, com base em Orlandi (2014) que considera a materialidade linguística sob os aspectos históricos na formulação de sentidos; e Silva (2018) no que diz respeito ao ensino de tirinhas e o trabalho com a leitura e outros.

O trabalho com tirinhas exige uma análise verbo-imagética, no qual a imagem ocupa o mesmo patamar dos elementos verbais na constituição dos sentidos, sendo que, por vezes, presenciamos em LD uma ênfase maior dos elementos verbais em detrimento do imagético. A nosso ver, isso compromete o entendimento do todo interacional deste gênero, que apesar de

²⁶Mestranda em Letras-Linguística-pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: riziaamandapr@aluno.uespi.br

²⁷Mestranda em Letras-Linguística-pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: mariavml@aluno.uespi.br

ter uma progressão textual relativamente breve, é capaz, por meio do seu recorte temporal enunciativo, trazer reflexões sociais e políticas relevantes.

Ao mesmo tempo que é um gênero que exige um alto grau de conhecimentos prévios do leitor, como assevera Silva (2018), haja vista que, esse tipo de texto demanda o uso de diversas inferências a partir da mobilização do entrelaçar dos elementos verbais e imagéticos. Portanto, vários interdiscursos são mobilizados, que afetam consideravelmente o modo como significa o discurso mobilizado pelos sujeitos, como afirma Orlandi (2015).

Vale ressaltar que a BNCC (2018) traz as diretrizes de como se deve trabalhar os gêneros discursivos em sala de aula, no qual os livros didáticos devem se nortear. Destacamos, por sua vez, a competência CELP01 do Ensino Fundamental II, em que os alunos devem ser levados a compreender a língua como fenômeno cultural e social e a competência EF69LP05, na qual os alunos devem inferir e justificar o efeito de humor de gêneros como a tirinha.

Os processos metodológicos desta pesquisa iniciaram-se pela seleção de duas tirinhas que abordam a constituição do humor no livro didático; em seguida, realizamos um levantamento teórico acerca de pesquisas que se dedicam ao trabalho com a leitura em uma perspectiva discursiva; posteriormente, desenvolvemos um gesto de leitura pertinente ao ensino das tirinhas por meio do direcionamento dado pelo livro didático e o modo como os autores mencionados trabalham com o ensino de leitura.

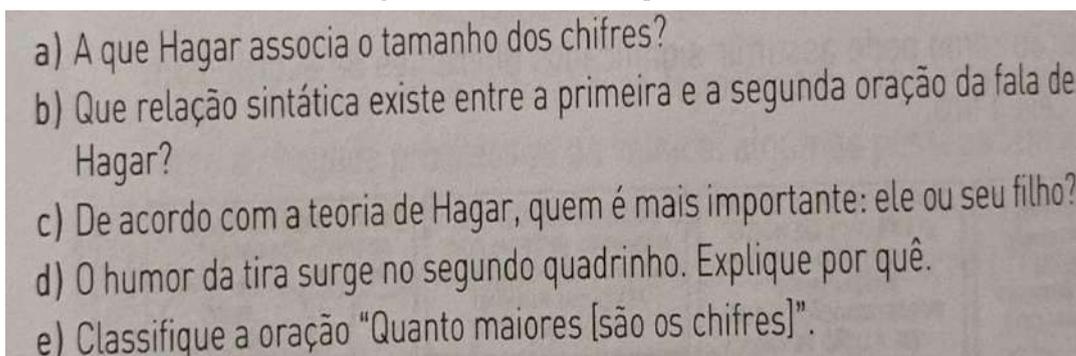
Mobilizamos a tirinha e as questões de compreensão textual a seguir com o objetivo de analisar como o gênero em questão é abordado pelo livro didático em análise:

Figura 1: Chifres



Fonte: Everaldo Nogueira, Greta Marchetti e Mirella Cleto (2020)

Figura 2: Questões de compreensão

- 
- a) A que Hagar associa o tamanho dos chifres?
 - b) Que relação sintática existe entre a primeira e a segunda oração da fala de Hagar?
 - c) De acordo com a teoria de Hagar, quem é mais importante: ele ou seu filho?
 - d) O humor da tira surge no segundo quadrinho. Explique por quê.
 - e) Classifique a oração "Quanto maiores [são os chifres]" .

Fonte: Everaldo Nogueira, Greta Marchetti e Mirella Cleto (2020)

Observa-se que as questões destinadas à compreensão da tirinha em questão, dedicam-se em abordar mais a temática gramatical, embora abordem também questões de compreensão, no entanto, estas não buscam refletir os interdiscursos mobilizados e quais efeitos de sentidos desencadeados. Ao contrário, quando a letra "d", por exemplo, solicita ao aluno a inferência da tirinha, assim o faz direcionando-o em qual quadrinho está o humor, como se o aluno não fosse capaz, por si só, inferir em qual quadrinho o humor é manifestado.

Concluimos que as atividades do livro didático direcionam o aluno basicamente a conhecer conteúdos gramaticais, em detrimento de uma abordagem que considere o ensino de habilidades e compreensão interdiscursiva materializada no gênero tirinha.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Leitura. Livro Didático. Tirinhas. Humor.

REFERÊNCIAS:

NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta; CLETO, Mirela L. **Geração Alpha Língua Portuguesa**: ensino fundamental, anos finais, 9º ano. Ed. Andressa Munique Paiva, 2 ed. São Paulo, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12º ed. Campinas: Pontes editores, 2015.

SILVA, Tarcilane Fernandes da. O gênero tirinhas no livro "Português Linguagens 3" e o trabalho com a leitura. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, p. 159-181, jan./abr. 2018.

MULTIMODALIDADE EM PEANUTS, DE CHARLES M. SCHULZ

Geiciane Paula da Silva²⁸

Consideramos que a linguagem verbal se torna mais instigante e completa ao aliar-se aos elementos não verbais. A multimodalidade, outrora pouco explorada no âmbito educacional, ganhou novos contornos e denominação com as teorias de Kress e van Leeuwen (1996). Seus postulados trabalham em prol de um pleno entendimento do funcionamento das linguagens contemporâneas, visto que somos solicitados a utilizar novos paradigmas para interpretar a comunicação da humanidade diacronicamente. Com isso, os sistemas semióticos agem em benefício dos processos comunicativos a fim de aprimorar os textos e nos ajudar a inferir significações fundamentadas.

O presente estudo analisou uma de história em quadrinhos a fim de compreender e elucidar que os elementos contextuais, verbais e visuais são imprescindíveis – em sua cooperação – para a apreensão do significado. Objetivamos explicitar a possibilidade uma interpretação multimodal (de acordo com a Gramática do Design Visual), além de apontar os elementos intersemióticos que a compõem e a tornam mais dinâmica e elucidativa. O *corpus* é constituído de uma mostra de Peanuts, de Charles M. Schulz. A pesquisa justifica-se pela necessidade de as instituições de ensino abordarem, além do texto verbal, perspectivas extraverbais, nas quais os dados linguísticos não são determinantes para a formulação dos sentidos e complementam-se com imagens, fontes tipográficas, cores, direcionamento ou projeção dos interlocutores, dentre outros – desencadeando numa leitura multimodal –.

Nossa hipótese parte do pressuposto de que o gênero em questão (HQ) se vale, por sua conjuntura, de aspectos verbo-visuais, possibilitando aos analistas interpretarem com propriedade o que não está dito nos recursos textuais, alcançando assim, o intento comunicativo. A pesquisa tem caráter qualitativo-interpretativo. Procedemos a análise por duas etapas. Na primeira etapa fizemos uma análise geral da tira; na segunda etapa²⁹ fizemos recortes e descrevemos, de acordo com a teoria, os acontecimentos e interpretações de todos os quadrinhos. Fundamentamos o percurso na Gramática do Design Visual (GDV), de Kress e van Leeuwen (2009; [1996]), com suas contribuições de como o contexto imagético é determinante na construção de sentidos.

²⁸ Graduada em Letras Português (UESPI); mestranda (PPGL-UESPI); especialista em Linguagens, suas Tecnologias e Formação ao Mundo do Trabalho (CEAD-UFPI); especialista em Literatura Brasileira (ISEST). E-mail: geiciane.paula.da.silva@aluno.uespi.br

²⁹ Este resumo expandido não contempla a microanálise da história em quadrinho.

Outrossim, para Silveira e Cunha (2021), a GVD reparte em três as suas metafunções: representacional, que equivale à construção visual da natureza dos eventos e sistema de transitividade; interativa, referente à relação entre os participantes envolvendo o que se vê e o que é visto; e a composicional, aliada à distribuição do valor da informação. Neste trabalho daremos prioridade à “metafunção ideacional”.

Observaremos abaixo a tira em questão.

Figura 1. Fiel companheiro.



Fonte: https://www.facebook.com/tirinhasinteligentes/posts/fiel-companheiropeanuts-charlesschulz-schulz-charliebrown-minduum-tirinhas-quadr/3332257850176910/?locale=sk_SK

Observamos como os componentes visuais cerceiam os sentidos do texto. O contexto situacional é o momento em que Charlie Brown e Snoopy deparam-se com uma ladeira muito alta. É possível perceber isso porque, no quadro 1, ambos têm os corpos direcionados para a beira de um morro e olham para baixo, indicando que a descida realmente seria muito arriscada. A ação classifica-se como “metafunção ideacional narrativa de ação não transicional”. O quadro 2 indica um diálogo entre os dois amigos e induz o leitor a acreditar que o cachorro concorda com o seu dono, pois os olhares se correspondem. A ação classifica-se como “metafunção ideacional narrativa de ação transicional”. Já no quadro 3 percebemos que Charlie Brown olha para frente, com destino ao abismo, enquanto o Snoopy muda o seu direcionamento, como se estivesse encarando o público leitor e questionando seu amigo. A ação classifica-se como

“representação narrativa reacional não transacional”. No quadro 4 verificamos que Charlie Brown desceu a ladeira e que o seu não tão fiel amigo o abandonou nesta aventura. Além disso, as marcas de ação sugerem que o cachorro empurrou o amigo ladeira abaixo, ocasionando riso. A ação classifica-se como “metafunção ideacional narrativa de ação não transacional”.

Com a pesquisa, pretendemos apontar possibilidades para analisar textos multimodais à luz das teorias linguísticas, aprimorando assim, habilidades crítico-reflexivas por meio de experiências substanciais. Com os dados coletados visamos fornecer subsídios instrucionais para os educadores, por exemplo, trabalharem o letramento visual em HQ's, direcionando seus discentes a perceberem os recursos que relacionam texto escrito com conteúdo imagético. Ademais, chegamos à conclusão de que todos os componentes dos quadrinhos levam ao entendimento das narrativas, ultrapassando a barreira da linguagem verbal, e que não só é possível traçar estratégias metodológicas, mas também pedagógicas para a abordagem da multimodalidade e multifuncionalidade dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática do Design Visual. História em Quadrinhos. Multimodalidade.

REFERÊNCIAS

CUNHA, A. H.; SILVEIRA, R. C. P. **Gramática do design visual em tiras:** multimodalidade e produção de sentidos. Ponta Grossa: Atena, 2021.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images:** the grammar of visual design. London: Routledge, 1996.

LIMA, C. H. P.; PIMENTA, S. M. O.; AZAVEDO, A. M. T. **Incursões Semióticas:** Teoria e Prática de Gramática, Sistêmico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

SCHULZ, C. M. **Peanuts:** Fiel companheiro. Disponível em: https://www.facebook.com/tirinhasinteligentess/posts/fiel-companheiropeanuts-charlesschulz-schulz-charliebrown-mindui-tirinhas-quadr/3332257850176910/?locale=sk_SK. Acesso em 07/06/2023.

A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA DO LD “NOVAS PALAVRAS”

Yasmin Julião de Oliveira³⁰

Maria Estéfane Aniceto da Silva³¹

Laurênia Souto Sales³²

A produção textual é uma prática presente em várias esferas da sociedade, e, no âmbito educacional, os alunos têm a oportunidade de aprimorar suas habilidades como produtores de textos. Essa prática é especialmente enfatizada na disciplina de Língua Portuguesa, onde a produção textual é tida como um conteúdo a ser ensinado e, conseqüentemente, a ser apreendido.

Dentro desse contexto, o livro didático (LD) desempenha um papel crucial, sendo utilizado pelo professor como uma ferramenta de apoio às suas aulas. Com base nesse cenário, esta pesquisa se volta para a análise do LD “Novas Palavras”, de autoria de Amaral *et al.* (2018), destinado ao Ensino Médio, e tem como objetivo investigar as propostas de produção textual – tanto escrita quanto oral – presentes nessa coleção.

Para embasar a pesquisa, utilizou-se dos estudos de Bakhtin (1997) e Marcuschi (2002), que discutem sobre os gêneros discursivos; de Bunzen e Mendonça (2006) e outros, que abordam o LD; das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018a), que regulamenta o ensino da língua portuguesa, e de outros documentos educacionais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Brasil, 2000), as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Brasil, 2006), a Proposta Curricular do Estado da Paraíba para o Ensino Médio (Paraíba, 2018) e o Plano Nacional do Livro Didático (Brasil, 2018b).

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa, descritiva, baseada na análise documental. Quanto à estrutura da coleção, a obra é dividida em três volumes, destinados ao Ensino Médio, os quais apresentam unidades intituladas: *literatura, gramática e leitura e produção de textos*; nesta última, enfatiza-se o ensino da produção textual.

³⁰ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: yasjuliao@gmail.com

³¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: silvaestefane615@gmail.com

³² Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba – CCAE. E-mail: laureniasouto@gmail.com

Na catalogação dos dados, verificou-se uma grande variedade de atividades relacionadas à produção de gêneros textuais orais e/ou escritos. Há capítulos, inclusive, em que uma mesma atividade contempla os dois eixos – oralidade e escrita.

A seguir, pode-se observar a proposta de produção textual do gênero resenha:

Figura 1 – Atividade: Produção e apresentação de resenha propagandística

E MAIS...

Produção e apresentação de resenha

Produza uma resenha propagandística a respeito de um filme a que você tenha assistido e de que tenha gostado. Em seguida, apresente-a a seus colegas e ouça as que eles elaboraram. Não se esqueça de que é preciso convencê-los a ver o filme.

Fonte: AMARAL *et al.* (2018, p. 297)

A atividade em questão propõe a produção do gênero resenha propagandística sobre um filme que o aluno tenha assistido e gostado, mas não se detém apenas ao eixo da escrita, uma vez que o passo seguinte da atividade será a apresentação oral aos colegas. Ainda conforme o enunciado da questão, o aluno não deve esquecer “de que é preciso convencê-los [os colegas] a ver o filme.” Ou seja, o resenhista deve registrar qual sua opinião sobre o filme de modo a orientar a escolha dos colegas sobre a possibilidade de assistir a esse filme ou não. Nesse caso, o poder de argumentação do resenhista será decisivo para a escolha dos colegas.

Vale destacar que, no Manual do Professor, enfatiza-se a importância da construção de um resumo, bem como da reescrita textual, para o desenvolvimento das habilidades básicas de construção de um texto. Aponta-se, ainda, que é a partir do resumo que se constrói uma resenha, em que é possível tecer comentários críticos sobre determinado assunto.

Contudo, é importante ressaltar que não há uma orientação sobre como se dará a apresentação oral dos alunos, com ênfase no processo argumentativo, cabendo ao professor estar atento ao encaminhamento da atividade pelos alunos, a fim de realizar a intervenção necessária para evidenciar o processo de argumentação oral.

A partir da pesquisa realizada, verificamos que o LD “Novas Palavras”, de Amaral *et al.* (2018), propõe atividades de produção textual que abarcam diversos gêneros textuais, com temáticas importantes ao cotidiano dos alunos. Mas é necessário que os docentes, ao planejarem suas aulas, realizem uma análise das propostas apresentadas pelo LD, adaptando-as sempre que for necessário, tendo em vista a promoção do desenvolvimento dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero textual. Produção textual. Livro didático.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Emília *et al.* **Novas Palavras**. 3. ed. São Paulo: FTD, 2018.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. (BNCC). Brasília: MEC, 2018a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos nacionais - PNLD**, 2018: Língua Portuguesa: Ensino Médio. Brasília, 2018b.

BRASIL. Ministério da educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, 2000. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio** – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, Ângela P. et al. (org.) Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19- 36.

PARAÍBA. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**, 2018. Disponível em: <https://pbeduca.see.pb.gov.br/p%C3%A1gina-inicial/propostas-curriculares-da-para%C3%ADba>. Acesso em junho 2023.

O ESTÁGIO DOCÊNCIA NO CURSO DE LETRAS: A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UMA PROFESSORA (SEMPRE) INACABADA

Eloisa Terezinha Teles Curado³³

O estágio é um momento marcante para todos/as que passam por esse processo de (trans)formação, proporcionando o “sentir na pele” (Oliveira, 2017) da profissão. Como uma tatuagem, em um contexto metafórico, fica gravado para sempre na identidade docente. Levando em consideração essa perspectiva, este texto não se refere ao estágio da licenciatura, mas na licenciatura, em que tem o objetivo de problematizar os *sentipensamentos* de uma professora, e mestranda, (sempre) inacabada. Para isso, a metodologia utilizada abre possibilidades para horizontes outros (Silvestre; Rosa-Da-Silva, 2021), partindo da abordagem qualitativa de cunho interpretativista (Moita-Lopes, 1994), em que poderão ser abertas possibilidades para novas interpretações a partir do relato de experiência do estágio docência em forma de autonarrativa, tendo em vista que as narrativas em primeira pessoa são fontes privilegiadas no campo da pesquisa qualitativa interpretativista segundo Pessaggi, Nascimento e Oliveira (2016).

Sendo assim, as vivências apresentadas fluíram no primeiro semestre de 2023, em um estágio supervisionado na turma do terceiro período do curso de Letras de uma universidade pública do estado de Goiás. De forma mais específica, as aulas aconteceram às quintas-feiras, das 7 horas às 11 horas da manhã, e foram ministradas em conjunto com a professora regente da disciplina Diversidade, Cidadania e Direitos e com outra colega da turma da pós-graduação.

Dessa forma, escolhi dois contextos marcados por *sentipensamentos* que me levaram ao autoquestionamento da minha atuação docente durante as aulas. O primeiro se refere a ser vista pelos/as alunos/as e pela regente como uma professora, e não estagiária. Isso foi impactante! É importante destacar que não significar que uma posição seja superior a outra, esse não é o cerne do contexto, mas que essa ação de reconhecimento possibilitou uma nova visão do eu-docente. Permitiu um sentimento de pertença e de lugar ocupado. Pois, como me posicionar se não sei, ou não acredito, em que posição estou?

³³ Mestranda. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG) / eloisatelescurado@hotmail.com

Nessa esteira, manifestar opiniões e pontos de vista no decorrer das aulas, foi um ato que parece simples, mas que possibilitou o desenvolvimento da autoconfiança como profissional, tendo em vista o âmbito docente universitário. Me recordo de um momento de atividade avaliativa que uma aluna se dirigiu a mim para tirar uma dúvida sobre como era a escrita de determinada palavra. Eu sabia, e respondi, mas fiquei com medo de ter dado a resposta errada. O mesmo sentimento surgiu quando, no mesmo dia, me perguntaram se podia usar corretivo. Parece algo tão insignificante, mas fiquei pensando se a minha ação estava correta, pois respondi de imediato que poderiam arrumar os erros de grafia como preferissem, de forma que ficasse legível.

Essas situações me fizeram ver que tive receio de errar nas minhas decisões, mas quando comentei com a professora regente da disciplina ela disse que não tinha problema nenhum, e de maneira muito delicada, apenas com o comentário, me fez perceber que eu precisava acreditar nos meus posicionamentos em sala, além de entender que os/as professores/as, nesse caso universitários, não estão livres de erros, pois pode ser que eles surjam e é preciso saber, ou ao menos tentar, lidar com eles.

Diante do exposto, não há resultados, e talvez eles nunca virão, mas, sim, (re)construções na identidade docente. Ser reconhecida pelos/as alunos/as e pela professora regente como uma professora e não estagiária foi impactante, e esses eventos aconteceram nas relações cotidianas na disciplina. Outro ponto que fez fluir *sentipensamentos* foi a superação da insegurança em manifestar opiniões e pontos de vista no decorrer das aulas, desenvolvendo a autoconfiança como profissional. De fato, o estágio é fundamental para o/a professor/a, considerando-o/a um/a eterno/a aprendiz, levando em conta que é inacabado/a (Freire, 1987). Além disso, é um momento marcante, “sentido na pele” (Oliveira, 2017), que deixa marcas na trajetória do/a professor/a. Nesta ótica, este horizonte, o ambiente universitário, pode até amedrontar, pois de fato há muita responsabilidade nesse lugar. Mas, na verdade, é um campo de (trans)formação, tanto para os/as estudantes de graduação, quanto para o/a professor/a que está na mediação.

PALAVRAS-CHAVES: Estágio Docência. Formação de Professores/as. Identidade docente.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 e.d. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MOITA LOPES, Luiz P. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução.** Delta, v. 10, n. 2, 1994.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de. **Esculpindo a profissão docente.** São Leopoldo: Oikos; Anápolis: Editora UEG, 2017.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene e OLIVEIRA, Roberta de. (2016). As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, 33 (33).

SILVESTRE, Viviane Pires Viana Silvestre; ROSA-DA-SILVA, Valéria. Por horizontes metodológicos outros na Linguística Aplicada: contribuições de pesquisas cá do cerrado central do Brasil. In: SILVESTRE, Viviane Pires Viane Silvestre; BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira; URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio de; FERREIRA, Edilson Pimenta (Org). **Movimentos em educação linguística: Um gesto de afetos e gratidão a Rosane Rocha Pessoa** – 1 ed. – São Paulo: Pá de Palavra, 2022.

DISCURSOS SOBRE A AUTORIA NAS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tharlisson Costa Sousa³⁴
Tarcilane Fernandes da Silva³⁵

A atividade de escrita é um dos elementos essenciais do componente curricular de Língua Portuguesa (LP), visando, sobretudo, o desenvolvimento linguístico do aluno. No entanto, não raramente, a avaliação dessa atividade é pautada meramente na observação de erros gramaticais, contemplando apenas um aspecto do ensino de LP, essa articulação metodológica está baseada em discursos sobre a língua, concebida principalmente como representação fiel do pensamento. Em termos discursivos, a escrita não deve ser ponderada como expressão do pensamento, como se houvesse uma relação direta entre eles, ela é o meio para subjetivação e, por conseguinte, construção de uma identidade autoral. Nessa conjuntura, o Livro Didático (LD) coloca-se como auxiliar direto do trabalho do professor em sala de aula, delineando os discursos e a prática de ensino no tocante ao trabalho com a leitura, a interpretação e a produção escrita. Esta investigação considerou primordial a escuta das propostas textuais como unidades de análise, pois são elas que, entre ferramentas disponíveis e imediatas para o aluno, estão inseridas no processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, buscamos analisar os discursos sobre a autoria nas propostas de produção textual do livro didático de língua portuguesa do 9º ano, sob a ótica da Análise Materialista do Discurso (AD). O *corpus* constituiu-se a partir do LD de Língua Portuguesa das autoras Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho, intitulado “Português: conexão e uso” projetado para o 9º ano do Ensino Fundamental, vigente até 2023. Construimos o dispositivo teórico-analítico ao mobilizar os conceitos da AD e discursos sobre linguagem e texto que constituem/constituíram o ensino de LP. Desse modo, a interpretação foi subsidiada principalmente por Coracini (1999), Dorreto e Beloti (2011), Fernandes (2005), Lagazzi (2015), Mariani (1998), Orlandi (2008 e 2020) Pfeiffer (1995), Sousa (2011).

O primeiro recorte discursivo versa sobre a produção de um miniconto em dupla, encontra-se nas páginas 36 e 37 do LD.

³⁴ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Português na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). tharlissonsousa@aluno.uespi.br

³⁵ Professora adjunta e coordenadora do curso de Letras – Português na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). tarcilanefernandes@frn.uespi.br

5. Comecem diretamente com o ponto de mudança: O que aconteceu? Qual é a ação principal que está concentrada no miniconto? Essa parte impactante é essencial.
6. Pensem em um final surpreendente para o miniconto. Vocês poderão, por exemplo, colocar uma frase inesperada para o leitor.

FONTE: DELMANTO; CARVALHO (2020, p. 37).

Os dizeres dessa proposta de textos pressupõem a formulação de um texto enquanto uma combinação de sentenças a partir das perguntas que estão dispostas. Desse modo, os dizeres encontram-se filiados ao discurso sobre a língua enquanto expressão do pensamento, em que a produção textual se resume a “colocar o pensamento em forma de linguagem e seguir as regras impostas pela gramática tradicional” (Dorreto; Beloti, 2011, p.101). Assim, a autoria é representada enquanto o “bom” uso das regras gramaticais na elaboração de um texto. Aliado a isso, a homogeneização dos textos permeada pelo funcionamento discursivo autoritário, que demonstra a contenção da dispersão além do necessário como maneira de produzir a unicidade, uma vez que “o falante impõe sua vontade sobre o ouvinte, geralmente sem lhe dar oportunidade de responder ou questionar”. (Garcia, 2003, p. 188).

O segundo recorte discursivo está localizado nas páginas 185 e 186. Trata-se da proposta de produção de um artigo de opinião.

3. Anote:

- a questão polêmica que você discutirá e a tese que pretende defender;
- os argumentos que utilizará para defender seu ponto de vista;
- os contra-argumentos que poderão ser apresentados;
- os argumentos que utilizará para responder a esses contra-argumentos.

FONTE: DELMANTO; CARVALHO (2020, p. 186).

A partir do funcionamento discurso polêmico, as sequências discursivas (SD) propiciam a posição-autor, pois são constituintes de discurso que supõe a linguagem como interação social, nessa discursividade a produção textual é, “interagir com os demais sujeitos, a partir de reais necessidades, com finalidade, interlocutores e gênero discursivo definidos” (Doretto e Beloti, 2011, p. 92). Logo, a autoria é representada como interpretação e produção de sentidos entre os interlocutores inscritos em uma conjuntura social.

Concluimos que, os discursos sobre a autoria inscritos no projeto autoral do LD são: expressão do pensamento e processo de interação. O primeiro, a partir do funcionamento discursivo autoritário, incide sobre a formação do sujeito-aluno de modo a controlá-lo através de roteiros, fórmulas e macetes propiciando a repetição empírica para a produção de textos. O segundo, através do discurso polêmico, favorece maior grau a posição-autor ao provocar a polissemia, propiciando a repetição histórica. Desse modo, a autoria é representada ora como

combinação de sentenças mediada pelo LD, ora como meio de subjetivação. A investigação lançou luz sobre a autoria instituída pelo Estado no ensino de língua e os resultados trouxeram reflexões a fim de suscitar critérios na escolha de livros didáticos.

PALAVRAS-CHAVES: Autoria. Escrita. Livro didático.

REFERÊNCIAS:

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira.** Pontes, 1999.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Português: conexão e uso.** São Paulo: Saraiva, PNLD 2020-2023.

DORETTO, Shirlei Aparecida; BELOTI, Adriana. Concepções de linguagem e conceitos correlatos: a influência no trato da língua e da linguagem. **Encontros de Vista**, 2011.

GARCIA, Afrânio. Tipos de discurso. **Soletras**, 2003.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989.** Rio de Janeiro: Revan, 1998.

PFEIFFER, Claudia RC. Que autor é este?. **Sínteses**: 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 13ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____, Eni Pulcinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

SOUZA, Pedro de. **Análise do discurso.** Florianópolis, 2011.

LITERATURA, LETRAS E EDUCAÇÃO

REINVENTANDO A VIDA: A LOUCURA COMO SÍMBOLO DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA EM DUZU-QUERENÇA (2014)

Maria Beatriz Ferreira Santos³⁶

O presente trabalho tem por intuito analisar a representação da loucura como símbolo de liberdade e resistência no conto Duzu-Querença, de Conceição Evaristo. Tem por um dos objetivos a identificação de que através do escape da realidade em que se encontra, a personagem, ao criar uma nova vida para si, constrói uma resistência perante o destino que lhe foi imposto ao passo que toma posse de determinada liberdade em meio ao mundo em que reside. Além disso, espera-se compreender como a construção da loucura como símbolo de liberdade e resistência se deu ao longo do enredo, levando-se em consideração a escrita da autora e a temática abordada, além da composição da complexidade da personagem principal.

Ao analisar a loucura como temática dentro de uma obra de Conceição Evaristo, busca-se apresentar uma nova perspectiva de leitura para o conto; ao utilizá-lo como objeto de pesquisa para a construção de uma nova discussão é igualmente esperado contribuir para a fortuna crítica da autora e expandir sua escrita para outros focos de pesquisa. Este estudo possui caráter bibliográfico, descritivo e analítico. Para o respectivo estudo, foram utilizadas as teorias e contribuições de Benjamim Abdala Junior presentes em *Introdução à análise da narrativa* (1995). A partir de suas considerações é possível compreender que a maneira com que o narrador conta a vida de Duzu, resumindo anos da vida da personagem em alguns parágrafos e dando foco para suas atitudes e pensamentos presentes, constrói um espaço psicológico e social da personagem que desencadeia seu delírio, a loucura na qual ela passa seus últimos dias.

Na obra *História da loucura* (1978), Foucault não busca conceituar a loucura, mas dissertar acerca do que é compreendido como “louco”. Ao falar sobre a loucura, sem procurar prender-se a um conceito, Foucault abre espaço para interpretações, permitindo que o ser louco possa ser visto como um personagem que tem sua razão e humanidade modificadas ao longo do tempo. Por consequência, o “louco” é uma construção humana e a loucura o resultado de sua criação. Tais considerações se fazem necessárias para a análise da construção do delírio de Duzu, mulher negra e pobre que migra para a cidade em busca de melhores condições de vida,

³⁶ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português na Universidade Estadual do Piauí, campus Piripiri. E-mail: sbeatriz1301@gmail.com

mas que se encontra imersa em uma realidade marginalizada que a prende em uma vida de dores e limitações.

Do mesmo modo, os valores e antivalores representados no conto são de suma importância para o entendimento do recorte temático, utilizando-se as teorias presentes em *Literatura e resistência* (2002), de Alfredo Bosi. O autor declara que resistir é a oposição de determinada força da personagem contra a força exterior a ela, no caso de Duzu, sua recusa, por meio do delírio, em passar seus últimos dias em um mundo de dor. Duzu, em seus últimos momentos de vida, se permitiu sentir todas as dores e alegrias que lhe foram negadas ao longo de sua existência. Sua liberdade veio por meio da loucura, envolta em uma positividade delicada que a permitia voar por cima de tudo e todos enquanto permanecia com os pés no chão. Duzu se agarrou aos delírios, distanciando-se da realidade e agarrando-se à crença de uma época em que o sofrer não existiria. Na loucura, segundo Foucault, a negatividade é vista de modo positivo e em Duzu-Querença, a personagem encontra o escape de um mundo de fome, doenças e dor a partir de sua entrega aos delírios. Duzu agarra a liberdade oferecida por sua mente, modifica o ambiente no qual se encontra, transformando a atmosfera da narrativa.

É concluído, portanto, que a loucura se encontra presente no conto através dos delírios de Duzu, os quais a permitem viver seus últimos dias em meio à uma nova realidade. A resistência da personagem se encontra presente no conto a partir da realização dos sonhos de Duzu, os quais se concretizaram a partir de seu delírio e a permitiram viver seus últimos dias sem dor. A loucura é uma construção humana e, como tal, se encontra à mercê de mudanças e restrições. Duzu se permitiu ser acolhida pelo delírio em seus últimos momentos, sonhando feliz a caminho de sua liberdade, resistindo da única maneira indolor que lhe foi apresentada. A personagem recebe seus delírios de braços abertos, permitindo-se voar para longe de sua realidade e ser acolhida em meio as estrelas. À vista disso, é constatado que no conto Duzu-Querença a protagonista é tida como reinventora da realidade, criadora de seu próprio destino e, como tal, encontrou um novo caminho, através da loucura, para seguir em seus últimos dias, resistindo e desfrutando de sua nova liberdade antes de se deparar com a sua libertação do mundo e das dores que lhe foram impostas.

PALAVRAS-CHAVES: Conto. Duzu-Querença. Liberdade. Loucura. Resistência.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FOUCAUL, Michael. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

JUNIOR, Benjamim Abdala. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

O ROMANCE DE FORMAÇÃO CONTEMPORÂNEO: ANÁLISE DE *O LUGAR MAIS SOMBRIO*

Giovanna Letícia Cruz de Sousa Galeno³⁷

Fabrício Flores Fernandes³⁸

Este trabalho, cujo título é “O romance de formação contemporâneo: análise de *O lugar mais sombrio*”, faz parte de um projeto mais amplo que buscou investigar as características da narrativa brasileira contemporânea. De maneira específica, abordamos o problema da relação entre memórias problemáticas e a construção da identidade, em um processo de amadurecimento que retoma o ciclo do romance de formação clássico.

Esta pesquisa encontrou sua razão de ser na ausência de um estudo alentado sobre as características formais das narrativas brasileiras recentes. Excelentes trabalhos têm sido escritos sobre obras produzidas a partir dos anos 60, tais como os de Renato Franco (1998), Regina Dalcastagnè (1996), Tânia Pellegrini (1996) e Malcolm Silverman (1995), mas, apesar de se referirem a alguns romances importantes, não se detêm na questão identitária, de formação ou memorialística e nas mudanças recentes na criação ficcional.

Nesse sentido, a hipótese investigada, que procurou responder ao problema de como a memória é representada a partir da retomada de um gênero romanesco clássico, foi a de que a fragmentação estrutural das obras, cujas tramas se assemelham a quebra-cabeças, é uma técnica narrativa apropriada à criação de cenas envolvendo fatos memorialísticos complexos. Para evidenciar personagens confusas e enredadas em uma espiral de acontecimentos cuja dimensão é maior do que o que podem apreender, o texto também se torna labiríntico.

Na trilogia *O lugar mais sombrio*, a partir da premissa ficcional, investigam-se aspectos da história e da formação coletiva e individual em um contexto autoritário. A narrativa, não mais presa a divisões de gênero tradicionais, apresenta personagens confusas e um narrador que, mal percebendo o mundo ao seu redor, somente compreende em partes seu processo formativo anos depois dos eventos. As obras que formam a trilogia consistem em narrativas que alternam trechos separados pelo tempo de entradas de diário. Neles, a voz do narrador, ora em primeira pessoa, ora em terceira, busca compreender o passado e os eventos que constituíram sua identidade. Conforme Anatol Rosenfeld (1996, p.83), “Para fazê-lo ressurgir em toda a sua pujança, como presença atual, não se pode narrá-lo como passado.” Por essa

³⁷ Mestranda em Letras Português, UESPI, giovannagaleno@gmail.com

³⁸ Doutor em Teoria e História Literária, UESPI, fabricioflores@gmail.com

razão, os acontecimentos são narrados como se estivessem no presente, buscando assim relatar o passado através de alguns flashbacks.

Com o objetivo de investigar técnicas de representação da memória a partir da retomada do gênero “romance de formação” nas obras da trilogia inacabada *O lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum, buscamos: estudar a maneira como a identidade é representada nas narrativas que compõem o corpus, abordar a relação entre o discurso sobre o passado e a compreensão do presente e estabelecer relações de continuidade e ruptura com outras produções memorialísticas recentes.

O projeto baseou-se em leituras e pesquisas sobre os aspectos da ficção contemporânea e a sua representação na construção do romance de formação *O lugar mais sombrio*. O arcabouço de leituras contribui na busca pela confirmação ou refutação da hipótese inicial e execução do trabalho.

A presente pesquisa bibliográfica teve como núcleo características formais das narrativas brasileiras recentes, detendo-se na questão identitária, de formação ou memorialística e nas mudanças recentes na criação ficcional, relacionando essas características, principalmente, ao elo entre discurso e memória e entre produção cultural e contexto histórico.

Concluimos que os elementos que envolvem a construção da narrativa, como memória, fragmentação, trauma, violência e melancolia, são identificados como escolhas formais para a representação da formação identitária da personagem principal, Martim, e da coletividade, pois o passado, o presente e o futuro estão entrelaçados na construção memorialística, social e política das personagens.

PALAVRAS-CHAVES: Identidade. Memória. Romance de formação

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÉ, Regina. **O espaço da dor**. O regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: UnB, 1996.

FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64**: A festa. São Paulo: Unesp, 1998.

GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. In: **Letras**, Santa Maria, UFSM, no 18-19, Jan-dez 1999, p. 121- 144.

HATOUM, Milton. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Pontos de fuga**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PELLEGRINI, Tânia. **Gavetas vazias**. Ficção e política nos anos 70. São Paulo: EDUFSCar, 1996.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. *In*: ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto** I. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 75-97.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Trad. Carlos Araújo. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

AS PERSONAGENS NEGRAS SUSANA, EM *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, E MUANA, EM *O CRIME DO CAIS DE VALONGO*, DE ELIANE ALVES CRUZ

Luana Raquel Loureiro Lima Barros¹
Assunção de Maria Sousa e Silva²

O objetivo principal deste trabalho é verificar o protagonismo das personagens negras e a importância do envolvimento de ambas dentro de cada história. Os objetivos específicos incluem: analisar o protagonismo das personagens Susana, de *Úrsula* (1859), e Muana, de *O Crime do Cais de Valongo* (2018); demonstrar como ambas interferem nas tramas construídas; identificar Susana e Muana como mulheres negras escravizadas que denunciam, resistem e interferem no contexto histórico-social de seu tempo nos romances; e delinear a perspectiva e o ponto de vista das autoras negras ao colocar personagens femininas como protagonistas. A pesquisa é de caráter reflexivo e qualitativo, com procedimentos metodológicos que abrangem levantamento de dados, leituras, fichamentos, reflexão, releituras das obras, produção e revisão dos resultados alcançados.

Diante desse contexto, este estudo demonstrou que, tanto em Susana, personagem do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, quanto em Muana, do romance *O Crime do Cais de Valongo* (2019), de Eliana Alves Cruz, são identificáveis recursos e estratégias de construção do protagonismo dessas personagens. As autoras conferem a essas figuras uma legitimidade e domínio sobre as tramas, atuando como agentes narrativos que contam suas próprias histórias e a história de seu povo ancestral africano. Além disso, evidenciam como a temática, os conflitos desenvolvidos no enredo e os desfechos das narrativas constituem uma crítica ao sistema de escravidão negra no Brasil.

As personagens Susana, do romance *Úrsula* (1859), e Muana, do romance *O Crime do Cais de Valongo* (2019), são ousadas pela presença, pela voz e pelo protagonismo que exercem nas respectivas obras e em contextos de uma época escravista. Ademais, por serem mulheres africanas, enfrentam uma sociedade que reprimiu e suprimiu seus valores como seres humanos. Ambas as personagens trazem valores de suas ancestralidades. O racismo que sofrem, resultando em infinitos abusos cometidos por homens que se diziam da elite, materializa-se na

¹ Graduada em Letras-Espanhol e, também, em Letras-Português, ambas pela Universidade Estadual do Piauí. Pós-graduada em Psicopedagogia. E-mail: luanaraquel0953@gmail.com

² Mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e Doutora em Letras / Literaturas de língua portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2016). Docente da UESPI. E-mail: assuncaomaria@cchl.uespi.br

objetificação que vivenciam. Elas foram arrancadas de suas origens, de sua terra e de seus valores, para serem consumidas pela dor da opressão.

De acordo com Cardoso (2021, p. 24), "Susana, conseqüentemente, exerce na trama o papel de pilar moral, além disso, também representa o papel de ponte entre as perspectivas da autora e a narrativa romântica clássica." Muana, assim como Susana, teve sua vida marcada pela escravidão. Nota-se que a personagem traz consigo seus valores africanos e, principalmente, sua verdadeira identidade. Mesmo em terras estranhas e não sendo tratada com dignidade pelos outros, não se esquece de quem é: mulher e negra, vivendo na opressão escravizada. Como argumenta Leal (2020), "Observa-se por meio da travessia da personagem que em diversos momentos reafirma sua identidade africana, a fim de que esse laço originário não se perca, como também uma forma de valorizar seu local de origem e sua existência única."

É importante salientar que essas são personagens que expressam voz e vez, promovendo espaços de relações entre si e entre outros, o que revigora o enredo e permite que a narrativa revele o lado sombrio da escravidão. Ambas são personagens que transmitem seus conflitos e emoções, provocados pela captura e pelo sofrimento na escravidão. Isso também ilustra como a história do Brasil se funda nesse processo escravista que persistiu por muito tempo.

PALAVRAS-CHAVES: Escravidão. Muana. Personagens femininas negras. Protagonismo. Susana.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Larissa Campos. **Mas os que estão inocentes não fogem:** análise da personagem Susana, do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (Maranhão – 1859). 2021. Monografia (Graduação em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 53 p.

CRUZ, Eliana Alves. **O crime do Cais do Valongo.** Rio de Janeiro: Malê, 2018.

LEAL, Danielle da Silva. **Escrivência diaspórica feminina negra em O crime do Cais do Valongo de Eliana Alves Cruz.** 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. (Série Prazer de Ler, n. 11). E-book.

ERA UMA VEZ... UMA HISTÓRIA PREMIADA: NARRATIVAS ENTRE PALAVRAS E IMAGENS PARA O LEITOR INFANTIL

Aílla Cristina Soares de Sá ¹
Diógenes Buenos Aires de Carvalho ²

A imagem desempenha um papel de suma importância na literatura infantil, sendo capaz de elevar a qualidade da obra e despertar interesse do público a quem se endereça. De acordo com Lajolo e Zilberman (2017) a imagem na literatura infantil tem papel significativo junto com o texto. A interação do verbal e do não verbal é considerada um ponto crucial para criação da obra. O texto é reconhecido como elemento principal, todavia, com o passar dos anos, a imagem passou a ser tão ou mais relevante que o texto, e sendo assim a literatura infantil e juvenil precisou ceder um espaço relevante para a linguagem visual, tendo em vista o público a que se destina. A partir deste contexto, este trabalho propõe apresentar reflexões a partir do seguinte questionamento a fim de uma investigação: O diálogo entre texto e imagem na narrativa *Se eu abrir esta porta agora...*, de Alexandre Rampazo, busca a ampliação de efeitos de sentido no leitor infantil numa perspectiva estética e artística?

Diante disso, o presente estudo tem como objetivos: investigar o diálogo entre texto e imagem na narrativa verbovisual *Se eu abrir esta porta agora...*, do escritor e ilustrador Alexandre Rampazo, visando a ampliação dos efeitos de sentido no leitor infantil sob uma perspectiva estética e artística; discutir os pressupostos teóricos que fundamentam a conceituação e caracterização da narrativa verbovisual voltada para crianças; caracterizar o projeto gráfico da referida narrativa verbovisual premiada, destinada ao leitor infantil do século XXI; e analisar as estratégias verbais e visuais empregadas na narrativa verbovisual *Se eu abrir esta porta agora...*, com foco no público infantil contemporâneo.

Para tanto, a presente pesquisa é de natureza bibliográfica qualitativa, fundamentando-se em fontes já existentes (livros e artigos). Foram realizadas resenhas e resumos com o objetivo de explorar debates e abordagens teóricas sobre a narrativa infantil e o leitor, seguindo as concepções de Lajolo e Zilberman (2017), Cademartori (2010) e Coelho (2000). O debate sobre ilustração e a relação entre texto e imagem foi conduzido com base nas contribuições de Dalcin (2022), Silva (2020) e Kohan (2013). As respostas foram obtidas por meio de análises e estudos

¹Mestranda em Letras - Português – Universidade Estadual do Piauí – soaresailla@gmail.com

²Orientador: Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho – Universidade Estadual do Piauí – diogenesbuenos@ccm.uespi.br

da construção da narrativa de Alexandre Rampazo, intitulada "*Se eu abrir esta porta agora...*", com enfoque na questão do dialogismo entre palavra e imagem.

Em "*Se eu abrir esta porta agora...*", a narrativa apoia-se no que Kohan (2013) classifica como narrativa do tipo fantástico, em que o conhecido e o desconhecido se integram. Nota-se o conhecido na narrativa sendo retratado pelas imagens predispostas que o indivíduo de antemão já possui em seu imaginário, como as já citadas anteriormente, e o desconhecido permeia pela imaginação particular que pode resultar através das suposições criadas particularmente por cada pessoa. As figuras utilizadas por Alexandre Rampazo, amiudadamente, são protagonistas de situações imagináveis pelas crianças. À vista disso, o percorrer da narrativa, nessa duplicidade de alternativas de leitura provoca na criança uma inserção na obra. O leitor torna-se protagonista em conjunto com as situações expressas e que agora são vivenciadas por ele mesmo, faceta muito interessante utilizada pelo autor, pois proporciona que esse ato de inserção seja realista à medida que se abrem as portas e há o enfrentamento dos diversos cenários que são expostos, por já carregar significados e interpretações; atravessar a porta acarreta em uma experiência literária particular e genuína, os perigos e surpresas.

Na pesquisa, discutiu-se a configuração que a narrativa verbovisual infantil brasileira premiada apresenta em face da relação entre o texto e a imagem a ampliação dos horizontes de expectativas da criança brasileira, tendo em vista a necessidade de explorar diferentes artifícios para criação de uma obra destinada ao público infantil e juvenil. O autor consegue produzir a obra com um primor e impecabilidade que fizeram toda diferença. Percebe-se que todos os elementos foram construídos de modo intencional para gerar uma inserção do leitor à obra. O formato do livro, a apresentação, o passar das páginas, as cores utilizadas, além das ilustrações trazendo referências fundamentais, contribuem para uma construção de sentidos real. O leitor é capaz de inserir-se no contexto da obra, ao passo que são "abertas as portas", neste jogo de ir para a próxima página, algo surge para trazer sentido às ideias que de antemão já estão construídas na mente de quem faz a leitura.

PALAVRAS-CHAVES: Alexandre Rampazo. Ilustração. Literatura infantil. Verbovisual.

REFERÊNCIAS

KOHAN, Silvia Adela. **Escrever para crianças:** Tudo o que é preciso saber para produzir textos de literatura infantil. Tradução: Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história.** Curitiba: PUCPress, 2017.

MIMESIS E NARRATIVA NA LITERATURA E NO CINEMA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A INFLUÊNCIA DO REGIONALISMO LITERÁRIO EM PRODUÇÕES DO CINEMA CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO, NA TRILOGIA FÍLMICA DE FREDERICO MACHADO: *LAMPARINA DA AURORA* (2017), *REVIVER* (2018) E *BOI DE LÁGRIMAS* (2019)

Raquel Leal de Carvalho¹
Herasmo Braga de Oliveira Brito²

Partindo da conhecida ênfase dos elementos regionais na literatura brasileira e da evidente intersecção entre literatura e cinema, este trabalho analisa a influência literária em produções cinematográficas contemporâneas de Frederico Machado: *Lamparina da Aurora* (2017), *Reviver* (2018) e *Boi de Lágrimas* (2019), sob a estética do regionalismo, mediante o olhar da mimesis. Para tanto, apoiou-se no aporte teórico dos seguintes autores, que discutem as categorias de mimesis, narrativa, regionalismo literário e cinema, respectivamente: Luiz Costa Lima (1980), Debs (2010) e Bordwell & Thompson (2013). Justifica-se este estudo pela importância de analisar e enaltecer obras literárias e audiovisuais nacionais, especialmente aquelas de caráter regionalista. A metodologia adotada foi a pesquisa de cunho bibliográfico e filmográfico, inserida no âmbito dos estudos comparativos interdisciplinares, na qual foram realizadas comparações entre variáveis da literatura e do cinema.

Os filmes foram assistidos em plataformas de streaming e fez-se a segmentação dos enredos para facilitar o processo analítico. Após a segmentação, foram selecionados recortes que remetiam às características do regionalismo, a fim de compreender a forma como a *mimesis* e a *narrativa* atuaram nas produções cinematográficas. É lícito evidenciar que, segundo Candido (1975, p.113 *apud* Braga, 2021, p. 98), “o romance brasileiro nasceu regionalista e de costumes; ou melhor, pendeu desde cedo para a descrição dos tipos humanos e formas de vida social nas cidades e no campo”. O cinema nacional foi construído, *a priori*, sobre a égide da literatura regionalista. Não somente tratando dos costumes e modos de vida, como evidencia Candido, mas dando relevo a temas de dimensão social, “ligados à questão da identidade e às questões conflitantes do Brasil” (Xavier, 2011, p. 19).

A partir dessa perspectiva, pode-se constatar que o nosso país conta, entre suas obras cinematográficas mais importantes, com adaptações literárias (Debs, 2010), visto que “Alguns cineastas encontram na literatura uma convergência de ideias ou uma cumplicidade de

¹ Graduada, Letras/Português, Universidade Estadual do Piauí, raquelealdecavalho09@gmail.com

² Doutor, Letras/Português, Universidade Estadual do Piauí, herasmobraga@ccm.uespi.br

personagens que eles desejam representar” (Debs., 2010, p. 116), como, por exemplo, Nelson Pereira dos Santos, que adaptou *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, para o cinema. Mesmo Glauber Rocha, tomado aqui como exemplos de cineastas que nunca realizaram adaptações diretas de obras literárias para as telas, afirma que foi fortemente influenciado pela “leitura do ciclo integral dos romances de José Lins do Rego” (Debs, 2010, p. 117), este, decerto, não se trata de um caso isolado.

Averiguou-se, portanto, que a estética regionalista representada por obras da literatura brasileira, por meio do processo mimético, também está contida em obras cinematográficas de Frederico Machado, seja pela composição do espaço da narrativa, as memórias culturais ou, até mesmo, a autonomia da figura feminina, aspecto de relevo para as novas configurações do regionalismo, conforme Braga (2017).

No filme *Lamparina da Aurora* (2017), as memórias culturais são representadas por meio da religiosidade dos personagens, das opções gastronômicas e pelos costumes identitários. Nessa obra, a personagem feminina se faz muito presente e a organização do espaço, como a mobiliária e as áreas internas e externas da casa remetem às características regionais. Em *Reviver* (2018), a organização espacial é evidente, pois a obra explora as paisagens da cidade de São Luís, capital do Maranhão. Além disso, há a autonomia da personagem feminina. A obra *Boi de Lágrimas* (2019) evidencia a cultura do “Bumba Meu Boi” e a participação fervorosa da figura feminina em manifestações políticas. Identificou-se coincidências miméticas e narrativas entre a obra cinematográfica *Lamparina da Aurora*, de Frederico Machado, e o livro *O amor não tem bons sentimentos*, de Raimundo Carrero. Sabe-se que o filme em questão não se constitui como adaptação da obra literária enfatizada, entretanto, como a maioria dos cineastas, Frederico Machado assegura ter tido influência da leitura de obras da literatura regionalista, o que contribui para a transposição de tal estética para o cinema.

Os pontos confluentes entre a obra cinematográfica e literária referem-se, principalmente, ao espaço das narrativas, aos conflitos familiares e à construção da atmosfera. Os dois enredos perpassam-se em ambientes semelhantes. Outro aspecto bastante acentuado nas duas obras concerne na construção da atmosfera de desconforto e tensão psicológica, remetendo-as às características do horror. Tanto o filme quanto o livro elevam o espectador/leitor a um universo sombrio, fantasmagórico, horrendo. No que tange *Reviver* e *Boi de Lágrimas*, observou-se que tais filmes não apresentam ligação direta com livros específicos da literatura regionalista. Todavia, seus enredos são caracterizados por padrões miméticos recorrentes em obras desse feitio. Conclui-se, então, que o regionalismo presente em obras literárias brasileiras está representado, também, no cinema contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVES: Regionalismo literário. Cinema. Mimesis. Narrativa.

REFERÊNCIAS

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema:** uma introdução. Tradução: Roberta Gregoli. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

BRAGA, Herasmo de Oliveira Brito. A configuração da estética regionalista na produção cinematográfica contemporânea. In: SOUSA, Douglas de; LIMA, Wanderson (orgs.). **Literatura, Cinema e outras artes:** teoria, confluências e processos de criação. Teresina, PI: Editora Elã, 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DEBS, Sylvie. **Cinema e literatura no Brasil:** os mitos do sertão: emergência de uma identidade nacional. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.

LIMA, Luiz Costa. **Mimesis e Modernidade:** formas das sombras. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LITERATURA EXPRESSIVA: UMA ANÁLISE DO CONTO *A TROCA E A TAREFA* DE LYGIA BOJUNGA

Suedja Carliane Santos Arandas¹
Dra. Silvania Núbia Chagas²

Este trabalho trata da relevância da expressividade literária na composição textual, e as considerações tecidas abrangem os saberes construídos a partir de percepções acerca do conto *A Troca e a Tarefa* de Lygia Bojunga, obra do acervo nacional, que traz aspectos propulsores para a compreensão cultural e social.

O texto em observação traz retratos que nos ajudam no entendimento das ações dos sujeitos, na construção do sentido geral do conto e de sua forte relação com a sociedade através da perspectiva literária.

Atrelado a isso, o conto reflete uma sequência narrativa bem expressiva e cheia de significação, sendo conduzida pelos acontecimentos, promovendo no leitor um enriquecimento no olhar perceptivo.

Isto posto, a metodologia foi construída mediante a composição de algumas ponderações a respeito da magnitude da escrita literária, da significância do conto e uma análise do texto de Bojunga que aborda diversas características sociais.

Assim sendo, justificamos nosso interesse pelo conto em análise, devido a sua narrativa ser traçada por elementos que conduzem o leitor para outras realidades, bem como pela proximidade com os próprios personagens, ocasionando em variadas perspectivas por meio de todo o contexto narrativo criado desde o título até o seu desfecho.

E, nesse sentido, objetivamos verificar a desenvoltura da escrita literária da autora por meio de tal texto ao revelar traços que superam sua própria estrutura, aclarando as características que colaboram para o entendimento de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

Além disso, buscamos também asseverar a paixão pela literatura, desenvolvendo acuidade do que está além do texto, expandindo e promovendo ligação contínua e ascendente analogia.

Afinal, é pela escrita literária que a fantasia tem também espaço e isso permite interpretações e reinterpretações, segundo a visão e a necessidade de cada leitor.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras-PROFLETRAS- Campus Garanhuns/PE.
E-mail: suedja1@hotmail.com.

² Pós-doutora em Literaturas Africanas pela Universidade Federal da Bahia e em Literaturas Africanas pela Universidade de Coimbra. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista. Professora adjunta da Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns.
E-mail: silvania.chagas@upe.br

Assim, na obra em questão, a autenticidade é fortificada pela conversação constante entre o personagem e o leitor. O jogo linguístico, a integração do social e do individual, a inovação e o cuidado na construção narrativa são alguns dos aspectos que caracterizam sua obra.

Dito isto, o aporte teórico desta análise se constitui por meio das contribuições de Candido (1995; 1981; 2006), ao tratar da literatura enquanto meio essencial ao desenvolvimento humano; em Souza e Tagliari (2011) ao trazer a leitura literária como meio de interação entre texto e leitor; Azeredo (2018) ao incumbir a língua pelo caminho da literatura; Perrone-Moisés (1996) pelo viés da literatura como instrumento formador cultural e de vivência social; e, em Colomer (2007) ao tratar da construção do texto literário.

Desse modo, este estudo, de natureza descritiva, contempla um viés que se completa no leitor, pois ao pensarmos em literatura, buscamos tratar de percursos variáveis que consolidam o trajeto conforme aquele que lê, bem como sua percepção. E é por meio dessa perspectiva literária que os sujeitos passam a tecer novas concepções acerca do que leem, parceria e troca entre escritor e seu leitor, transcendendo muitas vezes as próprias expectativas.

Isso faz ampliar o vocabulário e o universo linguístico, além de ser uma das maneiras de imergir no mundo literário, pela intensidade causada pelas reflexões acerca das características do texto, relacionando o que foi dito e o que vai ser dito, estabelecendo relações de sentido.

Dessa maneira, a autora, com seus escritos, exhibe ao longo de todo o texto a grandiosidade do escrever, seja pelo desejo, pela alegria de viver, seja pela dor “Se eu não tivesse me apaixonado por essa mania de transformar a vida em livro eu não ia me importar de morrer” (Bojunga, 1997, p. 65). Logo, percebemos que as palavras contidas no texto analisado têm o poder de nos envolver e nos transportar para o lugar que não é só imaginário, mas também é real, porque se pode viver um momento inigualável, mesmo que este seja fruto do imaginar, do sentir, do fluir, do aprender ou do sonhar.

E isso é constatado na obra *A Troca e a Tarefa* pela leitura e análise realizadas, que ao longo de toda esta escritura, verifica-se a magnificência do texto literário e de como ele permite reflexão a respeito do que é descrito.

Inferimos, portanto, a importância destas impressões no entendimento da funcionalidade da língua por meio de sua literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Texto literário. Escrita. Expressividade. Leitor.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **A linguística, o texto e o ensino de língua**. São Paulo: Parábola, 2018.

BOJUNGA, Lygia. **A troca e a tarefa**. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6º ed. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, 1981.

_____, Antonio. **O Direito à Literatura**. Vários Escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª edição revista pelo autor. Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro: 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura e sociedade**. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. 1996.

A POESIA AFRODESCENDENTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: UMA ESTRATÉGIA ANTIRRACISTA NA ESCOLA

Fagner de Sousa Araújo¹
Maria Da Vitoria Barbosa Lima²

O presente trabalho é uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo geral investigar como a poesia afrodescendente é utilizada nas práticas pedagógicas para a construção da identidade da cultura afro-brasileira e do combate ao racismo na sala de aula no contexto escolar contemporâneo. Neste sentido, para embasamento utilizaremos contribuições dos seguintes autores: Elio Ferreira de Souza (2007), Zilá Bernd (2010), Munanga (2013), Stuart Hall (2006), Nilma Lino Gomes (2012), Moura (1994), Edimilson de Almeida Pereira (2007), Franco (2016) dentre outros.

A aprovação da lei 10.639/03 representa um novo paradigma para a educação, que é o de reconhecer e valorizar a identidade e a cultura afro-brasileira na escola, sendo um marco legal de combate ao racismo, sobretudo na estrutura do currículo, no livro didático, nas práticas e atitudes. A lei foi fruto da luta dos movimentos sociais negros, a qual reconfigura e reeduca a mentalidade da sociedade e a própria educação numa perspectiva antirracista (Gomes, 2012). E os espaços para isso deve ser através das disciplinas de literatura, educação artística e história. Estudos já publicados, mostram que existem esforços de trabalho com a poesia afro-brasileira no âmbito escolar, apontando que as práticas pedagógicas é *locus* privilegiado para este tipo de trabalho, no qual a literatura apresenta-se como um recurso fundamental aliado na busca e valorização da identidade e cultura de matriz africana por meio da arte poética. Assim, tanto a poesia como a escola funcionam como espaço de resistência ou reverberação de dominação ou pode funcionar como reprodução/ transformação da sociedade (Freire, 1987; Franco, 2015).

A poesia afrodescendente ou negra na contemporaneidade, uma vez inserida nas práticas educacionais, tem sido um instrumento político valioso no combate aos preconceitos e

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade Cultura (PPGSC/UESPI). Especialista em Educação Especial/Inclusiva pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Piri-piri-PI. E-mail: fagnersousa2011@bol.com.br

² Professora de História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura (PPGSC) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), com pós-doutorado em Ciência da Informação (2014) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora (2010) e Mestre (2002) em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: mariavitoria.lima@srn.uespi.br

discriminações, um recurso pedagógico fundamental a favor da luta antirracista. Para Leandro Konder (2005, p. 13), a poesia é um “movimento de resistência dos valores qualitativos”, tendo como função não somente denunciar e combater o racismo e outras ideologias, mas é uma arte que também é conhecimento e que auxilia na autoconsciência, autodisciplina da razão, sensibilidade e tantas outras funções (Konder, 2005). Para Octavio Ianni (1988, p. 91), “a literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo”. É um movimento com um sistema de obras, autores e leitores, proferidos em torno de problemáticas povoadas de construções, imagens, ecoando o drama do negro brasileiro.

Em suma, a poesia afrodescendente pode combater a opressão social e psicológica, como instaurar e adotar uma linguagem discursiva que “constrói e assume uma identidade afro-brasileira”. Neste sentido a poesia pode ser usada para a construção da identidade afrodescendente tanto para quem escreve como para o sujeito da aprendizagem, e assim ser benéfica a todos que compõe o ambiente formativo (Carmo Filho, 2016, p.17). A pesquisa é bibliográfica e de campo, de abordagem qualitativa, está em andamento. Concluindo a poesia afrodescendente, além de propiciar uma imersão poética do ser o liberta.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Identidade. Literatura. Poesia afrodescendente.

REFERÊNCIAS:

BERND, Zilé. Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 29-41, 2010. DOI: 10.11606/va.v0i18.50737. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50737>. Acesso em: 1 Mai. 2023.

CARMO FILHO, Raimundo Silvino do. **Negritude, identidade e consciência estética na poesia afro-brasileira de Oswaldo de Camargo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2016.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas Pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando arca. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?format=pdf&lang=Pt>> Acesso em: 01 maio 2023.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, nº. 28, 1988. (Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura)

KONDER, Leandro. **As artes da palavra**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOURA, Clovis. **Dialética Radical do Negro no Brasil**. São Paulo: Anita, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Relações étnico-raciais e diversidade**. Educação e diversidade étnica-cultural: A importância da história do negro e da África no sistema educativo. Niterói: Alternativa, 2013.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

Disponível <<https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 01 maio 2023.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Mulungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia negra das Américas**: Solano Trindade e Langston Hugles. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife/PE, 2006.